

ALLA  
Academia Louveirense  
de Letras e Artes

**VIII**  
**COLETÂNEA**



ALLA  
Academia Louveirense  
de Letras e Artes

**VIII**  
**COLETÂNEA**

contos | crônicas | poesias | artes



Copyright© 2022 Academia Louveirense de Letras e Artes

Revisão: *Miriam Franco Novaes*

## Capa: *Perfil Editorial*

Carlos Miceli

Imagen de capa: *Cordilheira. OST-1,00x0,90 premiada no Salão de Arte da AASA-UNISA*

Fotos miolo: *João Batista*

Projeto gráfico e editoração: *Perfil Editorial*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária responsável: Aline Graziele Benítez CRB-1/3129

S148 VIII Coletânea: ALLA – Academia Louveirense de Letras e Artes:  
1. ed. contos, crônicas, poesias, artes/  
[Coord.] Diacuí Pagotti. João Batista. Larissa Scomparim  
1. ed. – São Paulo: Perfil Editorial, 2022.

Vários autores

ISBN: 978-65-5601-070-0

## 1. Antologia – Coletâneas – Literatura brasileira

I. Pagotti, Diacuí. II. Batista, João. III. Scomparim, Larissa.

#### IV. Título.

CDD-B869.8

## Índices para catálogo sistemático:

1. Antologia : Literatura brasileira B869.8

2022

Academia Louveirense de Letras e Artes

Perfil Editorial Ltda.

Facebook: ALLA - Academia Louveirense  
de Letras e Artes

[www.perfileditorial.com.br](http://www.perfileditorial.com.br)

@perfil\_editoria

# Agradecimento

**G**ostaria de expressar minha gratidão ao atual Prefeito de Nossa Cidade sr. Estanislau Steck por sua amizade e participação nesta coletânea. Agradecço à Secretaria de Cultura por anos de parceria com incentivos e apoio.

Ao meu amigo e vice-presidente Samuel Moscopski e a todos os acadêmicos que participaram desta coletânea.

Ao sr. Alceu Steck que, gentilmente nos presenteou com um lindo texto abordando o tema e enriquecendo nossa coletânea.

À nossa Diretora Cultural Larissa Scomparim e ao Secretário João Batista, dedicados e incansáveis na realização deste trabalho.

À carismática Alessandra Anselmi que, com exímia competência, representou a Perfil Editorial.

Às escolas que aceitaram o desafio de prepararem seus alunos para participar desta coletânea:

*Educação Infantil*: CECI Pequenos Brilhantes; CEIL

Profª Aparecida Eufrásia Guisalberte Yembo; CECOIN Chapeuzinho Vermerlho e EMEI Vice Prefeito Pedro Miqueleto.

*Ensino Fundamental I*: CEIL Prof.<sup>a</sup> Aparecida Eufrásia Guisalberte Yembo; EMEF Angelo Argenton Filho e EMEF José Odair Montelatto.

*Ensino Fundamental II*: E.E. Pedro Yoshichika Irie.

*Diacuí Pagotti*

*Presidente da ALLA – Academia Louveirense de Letras e Artes*



# Prefácio

**E**stamos muito felizes por apresentar aos leitores mais uma coletânea da Academia Louveirense de Letras e Artes (ALLA). Como todos no mundo, passamos por momentos difíceis com a pandemia, mas as próximas páginas chegam carregadas de esperança para a retomada das atividades culturais em nossa amada cidade de Louveira.

Mesmo com as limitações que foram impostas devido a situação pandêmica, aos poucos, buscamos nos amparar nas parcerias para superar os desafios. E assim nossos acadêmicos se empenharam para trazer em seus trabalhos sentimentos tão expressivos e fundamentais para o momento que estamos passando.

É imprescindível contar com o apoio de pessoas amigas da arte e da cultura, enfim da vida, como é este amigo louveirense, o senhor Alceu Steck, que nos brindou com este texto repleto de sabedoria, história e verdade:

## *Capivari – o rio que corta minha vila*

*Houve um tempo em que o rio Capivari, tendo o Córrego Fetá como seu afluente, tinha íntima comunhão como os louveirenses. Era abundante em águas onde inúmeras pessoas se aventuravam a pescar, esperando por horas os Tabaranas, Saguirus, Ferreirinhas, Acarás, Bagres, Traíras, Lambaris, Espadinhas, Tuviras, Mandis, Cascudos...*

*Como era bonito de ver, nos dias de enchente do Capivari, os peixes subindo pelo Córrego Fetá, onde se podia ver o "Bepe Steck" colocar os covos de bambu e no dia seguinte retirá-los cheios de peixes.*

*A ponte da Vila Pasti servia de trampolim onde jovens e crianças se aventuravam pulando no Capivari e ninguém se machucava, pois as águas eram abundantes.*

*Infelizmente, hoje em dia, em toda sua extensão não é mais possível plantar qualquer espécie de verdura, legumes, frutas... inclusive mandioca, batatas, bananeiras, pois as capivaras tomaram conta de suas margens.*

*Entretanto, em contínuo esforço, o passado aflora na forma de lembrança e sinaliza à natureza implorando pela volta do rio, no qual pisei na infância, com suas águas límpidas e abundantes e, com afincô configurá-lo no percurso do tempo.*

*Hoje, amanhã e sempre, compete a nós e, às próximas gerações, a obrigação de sua recuperação. No entanto, ainda tenho esperança de que ireivê-lo como o via em minha infância.*

*Vamos começar e acreditar...? É possível.*

Após preciosa pérola, escrita por este exímio contador de histórias, fica aqui nosso convite para que vocês mergulhem nas páginas da VIII Coletânea e se deliciem com as palavras envolventes e imagens cativantes, como se navegassem num rio a ser desbravado.

*ALLA - Academia Louveirense de Letras e Artes  
Comissão organizadora*

# Sumário

Ana Laura de Carvalho Patrão.....	9
Aparecido Bi de Oliveira .....	13
Armando José Heimann.....	21
Benedito Aparecido Corrêa.....	27
Carlos Miceli .....	33
Carlos Tiokal .....	39
Cida Reis .....	45
Darcio Calligaris.....	51
Diacuí Pagotti .....	59
Donizete Saraiva Deolindo .....	65
Eleide Reges.....	73
Erick Rolf .....	79
Gerson Domingos de Oliveira.....	87
Giovanni Cunha.....	93
João Batista.....	97
Júlia Fernandes Heimann .....	103
Larissa Scomparim.....	109
Lourival de Barros Santos.....	115
Marlei Camanhes de Oliveira .....	121
Neusa Rossi Cevalhos .....	125
Odete Moscoso.....	129

Samuel Moscospki.....	133
Sandra Regina Rossi.....	139
Sonia Baldo.....	145
Ubirajara de Souza Tavares.....	151
Tema Tabarana.....	155
Estanislau Steck .....	156
Apresentação do Concurso de Trabalhos Literários e Artísticos.....	159
Categoria Infantil.....	161
CECI Pequenos Brilhantes.....	162
CECI Pequenos Brilhantes .....	164
CECOIN Chapeuzinho Vermelho.....	166
EMEI Vice Prefeito Pedro Miqueletto .....	168
CEIL Profª Aparecida Eufrásia Guisalberte Yembo.....	170
Categoria Fundamental I .....	173
Escola José Odair Montelatto .....	174
CEIL Profª Aparecida Eufrásia Guisalberte Yembo.....	176
CEIL Profª Aparecida Eufrásia Guisalberte Yembo.....	178
CEIL Profª Aparecida Eufrásia Guisalberte Yembo.....	180
EMEF Angelo Argenton Filho .....	182
Categoria Fundamental II.....	185
E.E. Pedro Yoshichika Irie .....	186



**Ana Laura  
de Carvalho Patrão**

Ana Laura de Carvalho Patrão



Natural de São João da Boa Vista-SP. Mora em Louveira desde 1970. Professora aposentada lecionou na EEPSG "Prof. Joaquim Antônio Ladeira" durante vinte e um anos. Escritora e poeta, em Louveira no ano de 2014 participou da Antologia "Passagem para um Sonho".

Cadeira nº 09. Patrono Ariano Suassuna.

"A tarefa de viver é dura, mas fascinante".

Ariano Suassuna

# Volta

Estou voltando.  
Pro pé da Mantiqueira.  
Vislumbro montanhas azuladas,  
Cobertas de orações da noite.  
Já sinto na face  
A brisa aveludada de tuas colinas  
Tocando o meu corpo.  
Sinto cheiro de mato,  
De terra molhada  
Molhando-me inteira.

## *Calar ou falar*

Quero falar?  
Não posso.  
Quero calar?  
Não devo.  
Fumaça se esvai.  
Invade o espaço.  
Lá fora, o barulho da chuva  
que bate na calha.  
Pedras reverberam na vidraça.  
Ouço.  
Apenas escrevo.





# Aparecido Bi de Oliveira

# Aparecido Bi de Oliveira



Poeta, escritor e compositor. Este vinhedense e louveirense de coração, participou de várias coletâneas, antologias e livros, a saber: *Eu amo Vinhedo*; *Mogi das Cruzes 450 Anos*; *Desperte o poeta que existe em você*, *Antologia do Clube dos Escritores de Vinhedo* e no Projeto *Mil Poesias para Gonçalves Dias* de São Luís-MA, recebendo Comenda e Menção Honrosa na Academia Caxiense de Letras, com o título *Tupi de Caxias*, ambas no Estado do Maranhão, com a participação de poetas dos estados brasileiros e vários países do mundo.

Cadeira nº 35. Patrono Edilson Camargo Caldeira.

Edilson Camargo Caldeira,  
foi Secretário da Cultura de Louveira  
de 24 de Março até 17 de Dezembro de 2014.

## **Poema em Homenagem ao Dia do Trabalho**

**D**ata da grande conquista social brasileira,  
Instituída em homenagem ao seu trabalhador,  
Autêntico ganha-pão de maneira verdadeira.

**D**ádiva celeste oferecida pelo Criador,  
**O** sustento da família conquistada com suor e labor.

**T**rabalhar significa e completa o ser humano,  
**R**ealiza o seu sonho, desejo e almejo.  
**A**ttribuindo tarefa no nível de cada capacidade,  
**B**aseado no princípio da ética, moral e lealdade.  
**A**ssim qualificado em qualquer função ou setor,  
**L**avrador, operário, gari, cientista ou doutor.  
**H**oje, ontem e amanhã, sem ele não há sobrevivência,  
**O**s governantes são responsáveis por esta evidência.

## **“Ray” nosso querido cãozinho**

Minha filha nos deu de presente um lindo cãozinho,  
com o nome de Ray num ato profundo de carinho.  
No começo relutamos, pois sabíamos o que vinha pela frente,  
o gasto que teríamos com este grego-presente.

O tempo foi passando e nós cuidamos deste farejador,  
e como já prevíamos, por ele nutrimos um grande amor.  
Ao passar dos anos juntos com o abanador de rabinhos,  
Nós até extrapolamos com cuidados, mimos e carinhos.

Além de gostar de caminhar, diverte com a bola rolando,  
cumprimenta a todos que o rodeia ou na rua vê passando.  
Gosta de ser acariciado, tornando-o muito agradáveis,  
ao contrário de alguns seres humanos nada sociáveis.

Ele nos onera, dá trabalho e complexidade,



porém, muito nos compensa com sua fidelidade.  
Fazendo parte da nossa família este ser de estimação,  
sempre nos espionando com seu focinho ao chão.

Quando viajamos e não podemos levar nossa preciosidade,  
sentimos a sua imensa falta e bate forte a saudade.  
Lá distante imaginamos que ele esteja na espera ofegante,  
e nós não vemos a hora de ver seus passinhos saltitantes.

# *O milagre da multiplicação*



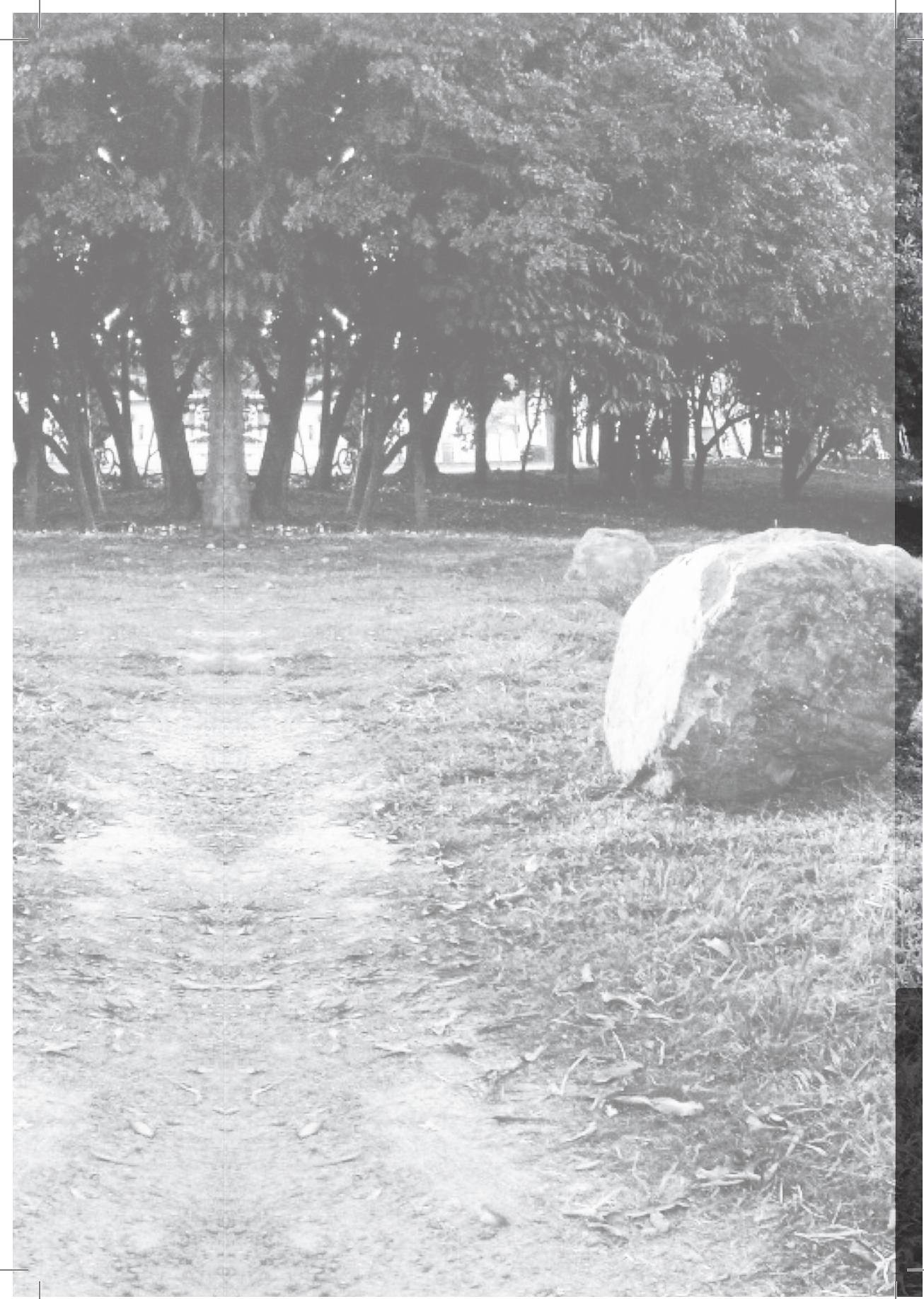
Um dia um jovem me perguntou,  
Se com cinco pães e dois peixes,  
num dia de extensa exaustão,  
sacia a fome duma multidão?

"Eu respondi pro moço, que no tempo de Jesus,  
aquele que muito nos amou, o fato se concretizou.  
Comeram dos pães e peixes mais de cinco mil homens,  
e ainda encheram doze cestos, com a comida que sobrou."

Neste dia Jesus realizou o milagre da multiplicação,  
exemplo de fé, esperança e amor que nos deixou,  
pra vivermos como irmãos praticando o cristianismo,  
seguindo seus ensinamentos dividindo o mesmo pão.

Mas, a riqueza se expandiu, neste mundo de ilusão,  
uns com tantas propriedades, outros sem habitação.  
Os homens erraram muito nesta tal distribuição,  
contrariando o modelo que viviam os primeiros cristãos.

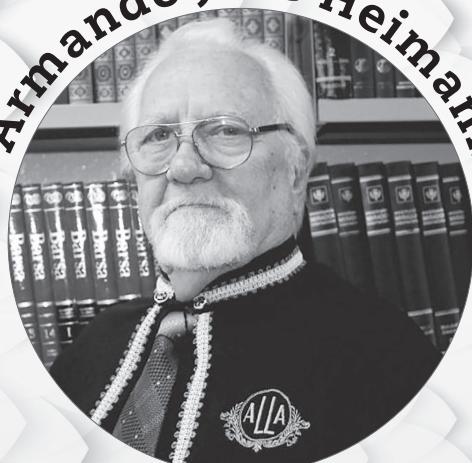
Agora sou eu quem pergunto, fazendo uma indagação:  
— Até onde vai minha culpa, até onde é dos irmãos?  
Ou é dos governantes da nação?  
Se a partilha fosse justa, não tinha pobreza não!





# Armando José Heimann

Armando José Heimann



Natural do Rio Grande do Sul. Engenheiro aposentado. Artista plástico, com obras já expostas em Jundiaí e região. Articulista, tendo participado em várias coletâneas com textos sobre animais e abordagens sociais. Fala os idiomas alemão e inglês com fluência

Cadeira nº 17. Patrono Monteiro Lobato.

“Um país se faz com homens e livros”

Monteiro Lobato



## *Paranapiacaba*

### **“De onde se vê o mar”**

Muito já foi escrito sobre esse lugar e, certamente, ainda muito o será. É, atualmente, um distrito integrado à cidade de Santo André-SP. O significado do seu nome, citado abaixo do cabeçalho, é oriundo do Tupi-Guarani. Indígenas que habitavam a região.

Após um aclive de aproximadamente 790 metros acima do nível do mar, encontra-se uma área relativamente plana, que foi utilizada para acampamento de trabalhadores.

Devido ao imprescindível escoamento das grandes safras de café, produzidas no interior de São Paulo e outras cidades, havia, no século 18, necessidade de enviar esse produto até a cidade de Santos-SP para exportação.

Os primeiros planejamentos/estudos foram iniciados em 1835, por Irineu Evangelista de Souza, o Barão de Mauá, que sempre esteve à frente da implantação e desenvolvimento ferroviário no Brasil. Notando a existência desse planalto junto à serra, solicitou vários estudos visando viabilizar um tipo de sistema que pudesse atender à demanda. Porém, só em 1850, ainda sob influência do Barão de Mauá, foi obtido sucesso. Nesse ano, foi determinado que os trabalhos seriam desenvolvidos pelos ingleses, uma vez que já possuíam tecnologia adequada ao grande desafio. Sob a supervisão do Eng. Daniel M. Fox, as obras foram iniciadas. Em 1860, um Decreto Imperial concedeu exclusividade, por 90 anos,

para os ingleses explorarem a linha ferroviária de Santo André a Santos.

Devido as características extremamente íngremes, foi deliberado que todo o percurso seria realizado pelo sistema funicular, sendo estipulado 5 divisões/plataformas, e em cada divisão havia uma estação com máquinas a vapor, estas tracionavam as composições através de cabo de aço, com acompanhamento em cada composição. Tanto na subida ou na descida, um vagão especial, também movido a vapor, tinha a finalidade de freiar, caso houvesse rompimento de um cabo. Devido a extensão da ferrovia (18 quilômetros), ela foi dividida em 5 estações intermediárias de tração, com os vagões “loco breques”, já citados. O sistema era, basicamente, o mesmo utilizado nos antigos elevadores, enquanto um subia, outro, com o mesmo peso, descia. Na composição que subia ou descia sem carga, era adicionado peso equivalente a 60 toneladas de água.

O planalto foi, inicialmente, um acampamento para os operários e depósito estratégico de materiais. Em 1867, houve necessidade de se fixar parte dos trabalhadores no local para cuidar da manutenção do sistema.

Assim, para atender às suas necessidades, foi desenvolvida uma vila de uso social, com alojamentos ou casas para pessoas com família, restaurantes, clube recreativo, capela, ambulatório, armazéns com mantimentos, cemitério — pois houve, durante a construção da ferrovia um número elevado de mortos — um pequeno teatro e escolas. Os ingleses tinham interesse em manter um sistema paternalista para evitar a demanda dos operários.

Quem morava no topo da vila fiscalizava os trabalhadores. A casa do engenheiro-chefe foi ali construída, é chamada de Castelinho, dali ele observava a movimentação no pátio ferroviário.

Na parte baixa, com característica tipicamente inglesa, foram construídas casas de madeira e telhado em ardósia. Foi erguida uma réplica do Big Ben de Londres, uma das maiores atrações do local, a construção foi feita com peças doadas pela Rainha Vitória, sendo um símbolo da Vila até hoje.

Toda a edificação ficou sob a responsabilidade do engenheiro Martim Smith.

Devido à grande afluência de pessoas para a vila, o lado direito da ferrovia, que é a parte alta, foi rapidamente ocupada por comerciantes e pessoas mais abastadas. Essa área não pertencia a companhia.

Durante muitos anos, os moradores viveram ali como uma grande família. A vila era bem cuidada, o clube Lira Serrano era o centro das atividades socioculturais, havia bailes e competições esportivas.

O término da exclusividade aos ingleses foi assinado em 1946. Todo o patrimônio foi transferido para a União. Esse ato é apontado como início da decadência da Vila e de todos os demais sistemas. Em 1976, muitos funcionários foram demitidos e outros, não bem qualificados, admitidos. O sistema original foi substituído por um sistema de cremalheira.

O golpe final foi em 1981, quando todo o sistema foi definitivamente desativado e declarado obsoleto.

Hoje, as locomotivas são apenas ruínas, abandonadas e enferrujadas. As construções em decadência. Toda a grandeza cedeu lugar a histórias de fantasmas que proliferam por lá. Há muitas lendas sob a densa neblina que cobre, misteriosamente, Paranapiacaba.

A história da construção e as lendas atraem muitos turistas curiosos em sentir toda a magnitude do local e o turismo é intenso.

Os antigos moradores diziam ouvir esta mensagem:

— “Quando eu era vivo, eu tinha medo de morar em  
Paranapiacaba, agora não tenho mais!”

Valerá a pena conhecer a Vila de Paranapiacaba!



# **Benedito Aparecido Corrêa**

*Benedito Aparecido Corrêa*



Natural de Cabreúva-SP. Reside em Louveira desde 1958. Poeta, participou de outras coletâneas. Foi colunista no jornal "Folha Notícias" - Louveira/Vinhedo. Foi radialista pela Rádio FM Santos Dumont de Jundiaí.

Cadeira nº 20. Patrono José Fortuna.

"Aqui estou meus velhos companheiros, olhem pra cima  
pra me ver passando em meu cavalo, raio de luar"...

José Fortuna

# Louveirenses felizes hoje

A nossa querida Louveira  
Está sorrindo de felicidade  
Por ver no nosso Rio Capivari  
Espaçoso e correndo a vontade

Sumiu o mau cheiro do esgoto  
E o capim cobriu sua margem  
Acabou também a rataiada  
Que trazia perigo para a cidade

Hoje não é mais um córrego  
Sujo coberto de mato  
Que não tinha correnteza  
Nem mesmo de morro abaixo

Agora ele está limpinho  
Todo de pedra murado  
Até pelos nossos visitantes  
Ele está sendo admirado

O nosso Rio Capivari  
Merece o máximo respeito  
Recebendo o cuidado de todos  
Conservando limpo o seu leito

Ele é atração de nossa cidade  
Embelezando as ruas do centro  
Só falta uma praça aos lados  
E os bancos feitos de cimento

Parabéns Senhores Prefeitos  
Pelo serviço bonito e precioso  
Por iniciar esta linda obra  
Em benefício do nosso povo

Os nossos irmãos louveirenses  
Estão aguardando o término  
Para homenagear o Prefeito  
Com a medalha de honra ao mérito

# Nosso Rio Capivari – ontem

No coração de Louveira  
Não se via mais alegria  
Todos viviam em agonia  
Nos olhos era só tristeza

De ver o Rio Capivari  
Escondido no capim  
Com sua água parada  
Não existia mais correnteza

Imaginar que no passado  
A água era tão limpinha  
Podia usar até na cozinha  
Ninguém via poluição

Ela corria livremente  
Os peixes nadavam contentes  
Não era um rizinho  
Era um senhor Ribeirão

Precisamos com urgência  
Procurar uma solução  
De acabar com a poluição  
Do nosso querido Capivari

Fazer voltar novamente  
Como era antigamente  
Um rio de água limpinha  
Não vê-lo sujo assim

Não podemos cruzar os braços  
Temos que nos prevenir  
É nosso dever incumbrir  
No futuro da cidade

Todos precisam saber  
Que um dia iremos beber  
Água do Rio Capivari  
Esta é a pura verdade

# A mãe Natureza

A natureza é tão maravilhosa  
Que deixa o poeta perplexo  
Quanto mais ela se inspira  
Mais ainda ele fica complexo

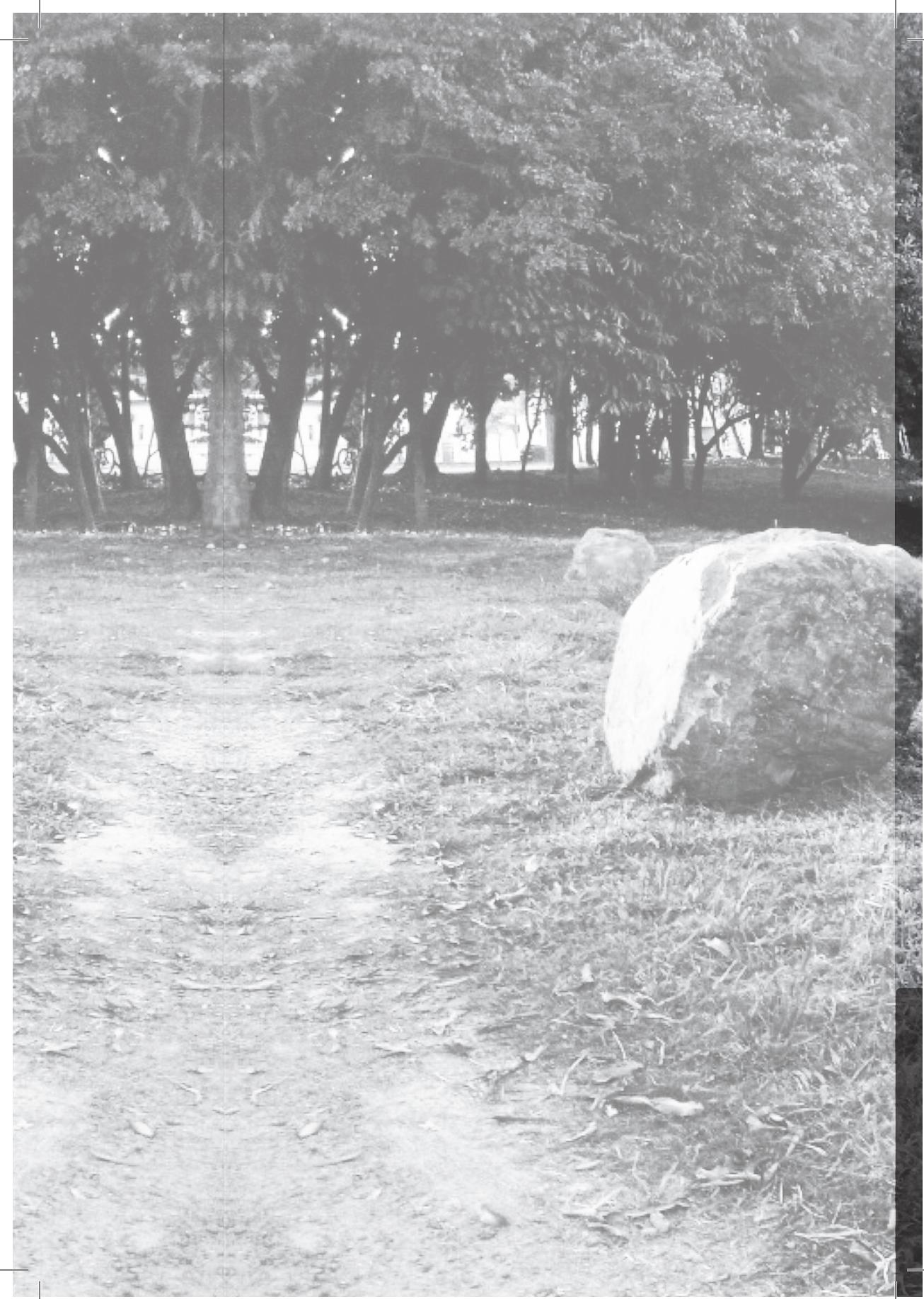
Ela é uma obra misteriosa  
Cheia de surpresas e encantos  
Só mesmo o Mestre Celestial  
Para determinar seus planos

Na Terra não tem ser humano  
Para calcular todas as riquezas  
Que Deus criou com amor  
Em sua Divina grandeza

O mundo é repleto de belezas  
De vida plena e esplendor  
Não tem poeta para refletir  
Todas as virtudes do Senhor

Eu como admirador que sou  
Pelas maravilhas do Criador  
Me sinto um artista resplandecido  
Mesmo sendo um simples autor

Foi contemplando a mãe natureza  
Que esta poesia eu escrevi  
Me inspirando no Espírito Santo  
Este lindo tesouro descobri





**Carlos Miceli**



Carlos Miceli



Natural da capital de São Paulo. Desde 2010 reside e tem seu estúdio em Louveira. É compositor e artista plástico. Economista com Pós-graduação em Administração de Recursos Humanos pela FAAP e diversos cursos livres, entre eles o de História da Arte no MAM-SP. Participou de várias exposições individuais e coletivas e teve obras premiadas. Participou da II Bienal Internacional de Arte Gaia 2017 em Portugal. Foi membro de júri de Salões de Artes Plásticas. Participou com seus poemas de outras coletâneas. Produziu dois discos com suas composições.

Cadeira nº 33. Patrono Antônio Carlos Jobim.

“Quando uma árvore é cortada ela renasce em outro lugar. Quando eu morrer quero ir para esse lugar, onde as árvores vivem em paz”.

Tom Jobim

# *Tabarana*

**T**ens a cor prateada e nadadeira avermelhada

**A**rrancada muito forte na correnteza cristalina

**B**eleza indiscutível em sua forma alongada

**A**ntes nas águas do Capivari também habitava

**R**io que pede socorro pelo fim da poluição

**A**espera de ver novamente a Tabarana nadando sem restrição

**N**a água limpa que é fonte de vida

**A**natureza preservada em plenitude harmoniosa



## *Que beleza vai ficar*

Que bonito que ficou  
A roseira toda em flor  
Que beleza vai ficar  
A flor do maracujá  
Que contente agora estou  
Perto do meu grande amor  
Que tristeza vai me dar  
Quando ela me faltar  
Mas feliz eu vou ficar  
Quando meu amor voltar  
Perto dela é meu lugar  
E a ela vou amar  
Que bonito que ficou  
A roseira toda em flor  
Que beleza vai ficar  
A flor do maracujá

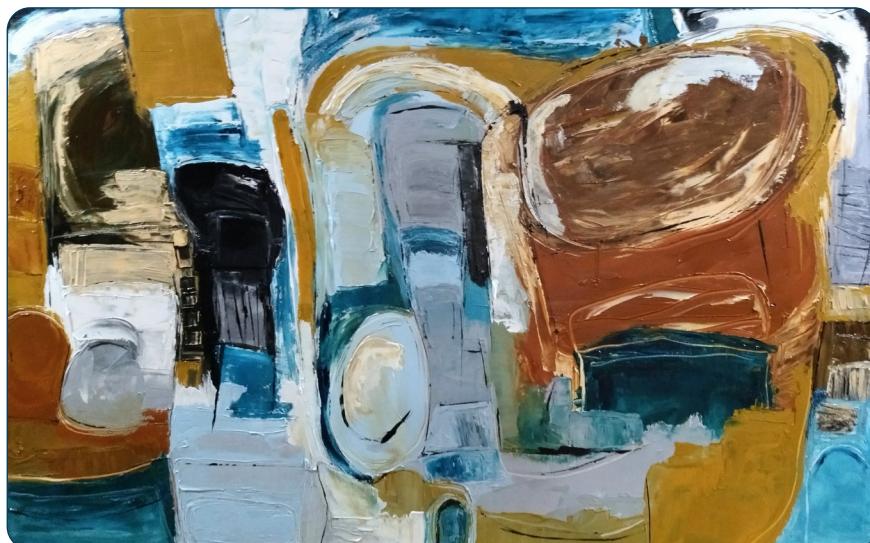
*Poema musicado pelo autor.  
Faz parte do seu 2º disco – “O meu bloco a desfilar”*

# Portal ocre

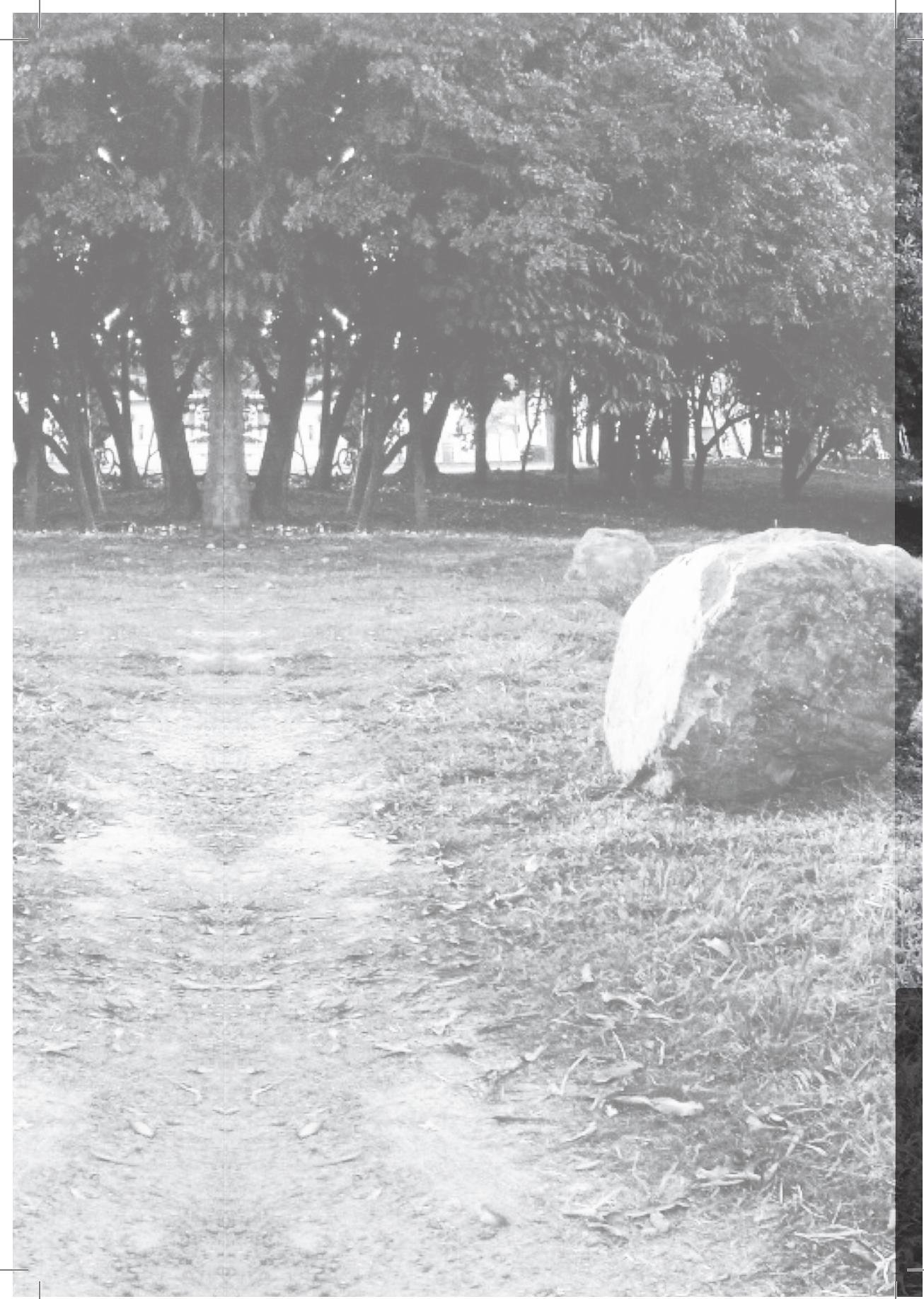
VIII Coletânea – ALLA

39

Carlos Miceli



AST - 0,90x1,40 - obra de autoria de Carlos Miceli





**Carlos Tiokal**

Carlos Tiokal



Natural de Cristina-MG. Foi criado em Campinas-SP e desde 2007 reside em Louveira. Bancário aposentado e pedagogo. Como escritor participou de várias coletâneas em Louveira-SP. Das coleções "Nossos amigos animais" (Editora In House) e "Antologia de verão" (Perfil Editorial). Realiza pesquisas sobre a música popular brasileira.

Cadeira nº 30. Patrono Noel Rosa.

"Voltaste confessando sem vaidade que a sua  
liberdade é viver preso a mim".

Noel Rosa

## *Lembranças*

Eu preciso vasculhar minha memória.  
Limpar tudo o que de ruim me reprimiu,  
Esmiuçar nas entrelinhas da minha história,  
lembrar com carinho o que me consumiu.

Destilando minhas mazelas  
Descer ao porão e jogar tudo fora,  
Guardar somente imagens belas  
E os momentos felizes que tive outrora.

Rasgar cartas imaginárias,  
Apagar palavras inauditas  
Mentira de amor desnecessária  
Juras de amor abscônditas

## *Meu vizinho Capivari*

Há um pomar no quintal da Academia e sempre que me sento embaixo de uma frondosa mangueira, meus olhos percorrem as curvas do rio Capivari, que passa a poucos metros do alambrado.

Não me contento emvê-lo ao longe, me aproximo.

Em uma de suas margens tem grandes pedras, pedras essas onde calangos douram ao sol escaldante do meio da tarde. Chego mais perto, todos correm.

Fico imaginando como teria sido em outra época, onde se pescavam e talvez alguém se banhasse nele. Escuto o som suave e quase que imperceptível da água correndo, já não mais tão limpa e caudalosa.

Me acalma percorrer suas águas contornando as dificuldades encontradas pela frente.

Elas simplesmente se vão, sem se preocupar com o tempo, pois ela certamente chegará a seu destino.

## *Seu cheiro*

Meu amor usa sempre o mesmo perfume, e eu vivencio a sua essência o tempo todo.

Quando entro em meu quarto e por um instante me deixo sentir um leve vestígio de seu perfume, as lembranças reviram novamente minha mente.

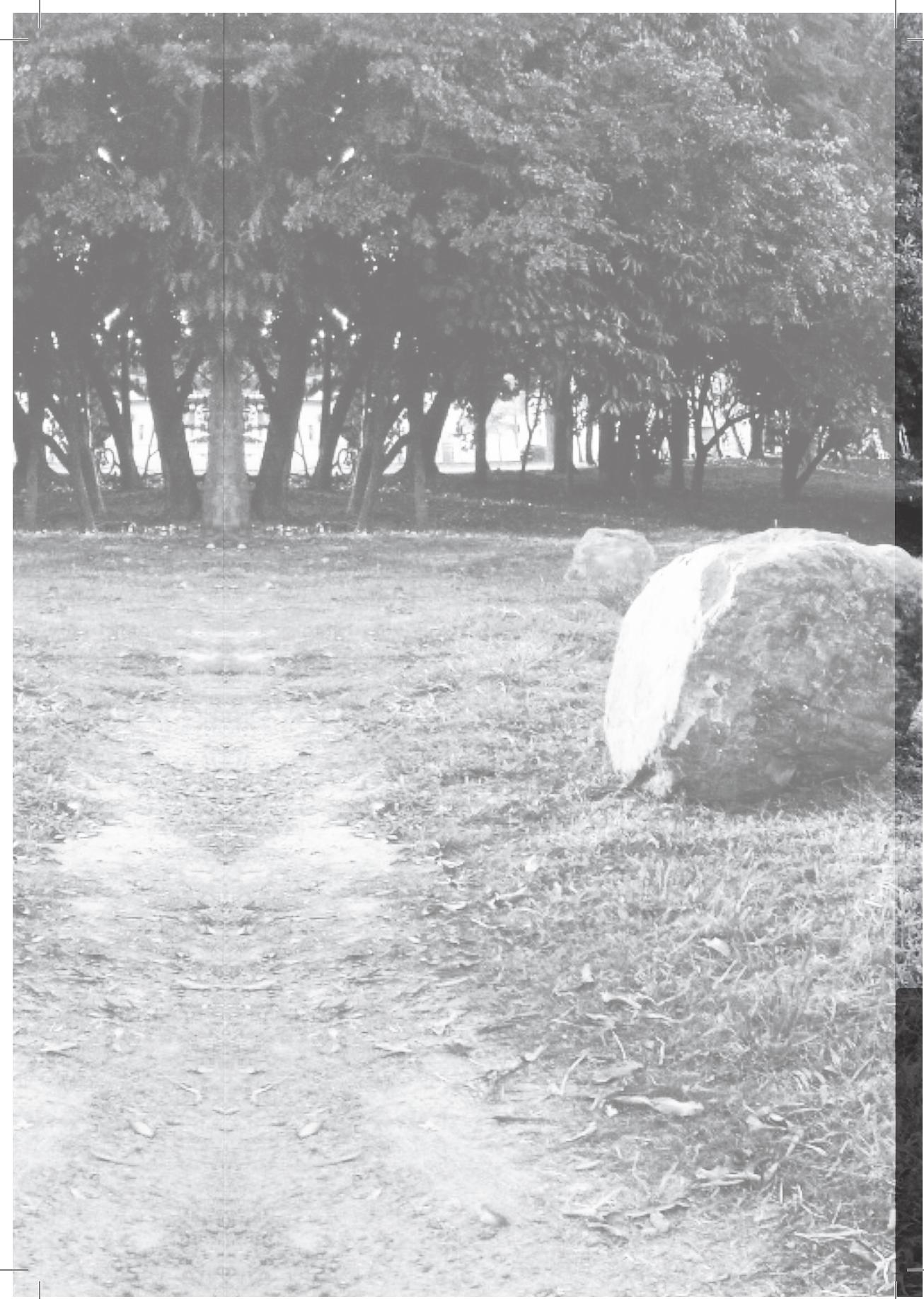
A mesma olência, que eu sinto toda manhã em nossos travesseiros.

Sinto também quando meneio minha cabeça e discretamente prepondera o seu cheiro característico, mesmo após um longo e relaxante banho.

Um olor de almíscar selvagem paira no ar, nos móveis, nas roupas.

Na casa toda...

já se impregnou também em meu corpo e na minha alma.





**Cida Reis**

# Cida Reis



Maria Aparecida Crevelari Reis – Nome Artístico: Cida Reis.

Nascida em Valinhos – SP, em 1959. Formada pela Faculdade Anhanguera de Valinhos em Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda. Trabalhou como funcionária pública na cidade de Valinhos e Louveira e hoje é aposentada. Eleita em 2015 para a Academia Louveirense de Letras e Artes. É a idealizadora, fundadora e Vice Presidente da Academia Valinhense de Letras e Artes – AVLA, em 2022 ocupa a cadeira número 29.

Cadeira nº 28. Patrono Carlos Drummond de Andrade.

“A leitura é uma fonte inesgotável de prazer, mas por incrível que pareça a quase totalidade não sente esta sede”.

Carlos Drummond de Andrade

## *Inacabada*

O céu desabou entre nós.

Há dias em que a solidão bate forte e o coração fica tão apertado.

Porque um dia o destino separou os nossos corpos.

Perco nos meus pensamentos.

Só te encontro nas minhas saudades e os meus olhos ficam marejados...

Quando a brisa bate no meu rosto, são os teus lábios que vem me beijar.

É tão real que meu coração dispara... ao mesmo tempo sei que é só mais uma ilusão... já não estás mais aqui.

Sinto que o mundo ficou entre nós.

Então a dor me abraça tão forte que o fôlego chega a me sufocar.

Queria saber qual é a distância entre nós...

Sente saudade de mim também?

São tantas as minhas perguntas... e todas sem respostas.

Tudo ficou no ar.

Ainda não sei qual é o tamanho da minha estrada aqui.

Só sei que nos perdemos numa delas.

O tempo passou... fez marcas na minha pele e meu corpo arcou.

Apenas o coração resistente como um carvalho... continuou sozinho uma história inacabada.

## *Terras distantes*

Me junto a eles nestes pensamentos...  
Eu só queria andar na orla da praia.  
Arrematar junto a ela os meus pensamentos.  
Num dia de inverno.  
Queria sentir a água fria nos meus pés.  
O vento gelado bater no meu rosto.  
Um sopro gélido.  
Implorando por viver.  
Sem ouvir explosões  
Sem considerar os apegos.  
Sem ter rivalidades  
Sem sofrer ferimentos e nem sentir dor.  
Só queria saber dessa vida...  
Se ainda há tempo para sonhar.  
Ver os meus filhos crescerem.  
Meus pais envelhecerem.  
Meus amigos e irmãos enternecerem.

Quero paz.

Quero ter esperança.

Porque hoje AQUI está tudo confuso.

Está tudo nublado.

Está tudo tão frio.

Falta calor humano.

Meu solo está manchado de vermelho e coberto de sangue.

Há tanta dor.

Há tantas lágrimas.

Porque que tem que ser assim...

De onde vem esta guerra incoerente?

Que desconcerta a vida da gente.

E deixa o mundo todo doente!

Dedico aos que sofrem na guerra.

## *Perfume*

Sua silhueta fazia o imaginário quase tangível.  
Havia um mistério intrigante... eu queria desvendar.  
Aquele perfume invadia o ar e entrava pelas minhas narinas,  
quase que obsceno.  
O prazer de me sentir amada aquecia o meu corpo... e ali na-  
quele instante ele era somente meu.  
Ele acariciava meu corpo com um toque sedutor e aquele  
perfume me deixava estonteante.  
Então deixava-me envolver nos teus abraços.  
Depois de tudo...  
Suspirava e sussurrava coisas no seu ouvido e ainda nos teus  
braços "morria" de tanto prazer.



**Darcio Calligaris**

Darcio Calligaris



Natural da capital de São Paulo. Farmacêutico bioquímico formado na USP – Universidade de São Paulo. Durante 40 anos atuou em indústria farmacêutica, transferindo tecnologia e formando mão de obra. Professor universitário por 20 anos. Ministra palestras e cursos de especialização. Autor do livro: Farmacotécnica “Revestimento de Formas Farmacêuticas”, o segundo nesta área publicado no Brasil.

Cadeira nº 13. Patrono Augusto dos Anjos.

“Que ninguém doma um coração de poeta”.

Augusto dos Anjos

## Tabarana

A Tabarana é um peixe cujo nome científico é *Salminus hilarii*. Nativo da América do Sul, também é chamado de tubarana e prefere águas cristalinas, na temperatura entre 22º C e 28º C, com até um metro de profundidade.

Trata-se de um peixe ósseo, possui escamas, mede em média 35 centímetros e pesa cerca de um quilo. Tem um tom branco prateado, com linhas pretas longitudinais, boca rasgada, maxilar firme, dentes aguçados, e suas nadadeiras de cor vermelho alaranjado o tornam muito parecido com o peixe dourado, sendo por isso conhecido como "dourado branco".

Alimenta-se de pequenos peixes, em especial o lambari, e é valente e saltador.

Muito procurada para a pesca esportiva, a espécie pode ser encontrada na bacia do rio São Francisco, nos rios Grande e Tietê, e em outros grandes rios preservados do país, com matas ciliares intactas. A melhor época para encontrar a tabarana é durante o verão, antes do período das chuvas.

O rio Capivari, localizado no estado de São Paulo, tem sua nascente no município de Jundiaí, bem próximo à rodovia estadual SP-360, passando por Louveira, Vinhedo, Valinhos, Campinas, Monte Mor, Elias Fausto, Capivari e Rafard, desaguando no rio Tietê. O nome Capivari é de origem tupi, e significa "rio das capivaras", em alusão aos roedores de grande porte que viviam (alguns ainda vivem) às margens deste rio.

Na bacia do rio Capivari são despejados os esgotos domésticos de diversos municípios, entre eles Louveira, Vinhedo,



Campinas, Monte Mor, Elias Fausto, Capivari, Rafard e Mombuca. Muitos desses municípios já foram abastecidos no passado pelas águas do rio Capivari, que eram limpas e próprias para o consumo. Entretanto, à medida que a poluição foi tomando conta e degradando a qualidade das suas águas, a captação teve de ser desativada.

Infelizmente, a cada dia que passa o rio Capivari está sendo maltratado e vem se deteriorando, devido ao alto grau de industrialização e urbanização em sua bacia, principalmente nas cabeceiras do rio.

Antigamente, o rio Capivari era rico em peixes, principalmente a tabarana, que se deliciava em suas águas cristalinas, também existiam outras formas de vida aquática garantindo o equilíbrio ecológico.

Ali ocorriam passeios de barco e suas margens eram usadas para piqueniques. Se antes ele nos fornecia água de boa qualidade, tudo foi destruído pela poluição, fruto do mau uso de seu curso, que recebeu de rejeitos de esgotos até resíduos industriais, resultando em um criadouro de insetos e animais transmissores de várias doenças, tornando-se um ambiente impróprio para as tabaranas e outras espécies aquáticas, tudo se transformou em um local sujo e poluído.

O objetivo desta reflexão é fazer um alerta para a importância dos nossos rios e da natureza ao nosso redor. Nas águas cristalinas do rio Capivari, viviam as tabaranas e os lambaris, além de outros peixes nunca mais vistos ali. As capivaras encantavam em suas margens rodeadas de vegetação verde-esmeralda. As aves, com seu canto atraente, e as flores, com seu perfume envolvente, tornavam a atmosfera de sua relva prazerosa para se namorar. Aos finais de semana, os barcos traziam pessoas alegres, com suas cestas de piquenique, que se instalavam ao lado do rio Capivari, e viam as tabaranas saltarem.

Pescadores eram vistos por todos os lados, com seus anzóis afiados, sentados à beira do rio, meditando à espera de um

peixe, fosse tabarana ou outro qualquer, inocentemente fisgado, que seria devolvido ao rio ou serviria de alimento. Até com a pesca esportiva de tabaranas valentes e saltadoras os pescadores se deliciavam, enquanto pessoas em roupas de banho brincavam na água e se refrescavam.

Mas o progresso e o aumento populacional chegaram e o rio Capivari foi se entristecendo, devido à grande quantidade de esgoto nele depositada sem o devido tratamento, impactando diretamente na vida aquática e, consequentemente, em todo o ambiente que o rodeia.

A nossa tristeza e de nosso rio, da flora e da fauna local, contudo, não pararam por aí. Além do esgoto, as indústrias depositam nos rios, sem tratamento adequado, produtos químicos que contêm substâncias altamente poluentes e perigosas para a saúde da população, entre elas o mercúrio, o chumbo, o cobre e os organoclorados encontrados em pesticidas e em alguns agrotóxicos se acumulam nos peixes e frutos do mar que, quando consumidos, causam sérias doenças nos seres humanos.

Socorro! As tabaranas e outros peixes desapareceram, os rios ficaram sujos. Ao invés de flores e pássaros cantando alegremente, hoje há móveis, entulhos e resíduos por toda parte, proliferando insetos e animais prejudiciais ao homem e à natureza.

Resta a esperança de um dia tudo ser novamente como antes: a vida no rio Capivari voltar a existir, com as tabaranas nas águas cristalinas enfeitando o nosso dia. Basta o ser humano entender que, para ter uma vida feliz e sadia, com qualidade, é preciso preservar a natureza e tratar os resíduos.

Espero que um dia a água cristalina possa voltar, e que eu possa bebê-la. E que, em Louveira, a tabarana possa renascer.



## Reflexões

As emoções sadias

**1** como serenidade, determinação, alegria e caridade exercem um efeito positivo em nossa saúde.

Vamos fazer o melhor que pudermos

**2** e a vida nos ajudará a trazer aquilo que buscamos.

Sejamos determinados para aprendermos,

**3** nos desenvolvermos e olharmos para a frente por mais difícil que seja o caminho.

Se desejamos sucesso em alguma coisa,

**4** devemos estar totalmente comprometidos e apaixonados por ela.

Quando aceitamos o inaceitável,

**5** como uma grande perda, doença e morte, encontramos a paz.

Enfrentarmos obstáculos, sofrer provações,

**6** tolerar antipatias, atravessarmos tormentos, fazem parte da nossa evolução.

Ao invés de nos torturarmos pensando em “eu devia”, “eu não devia”

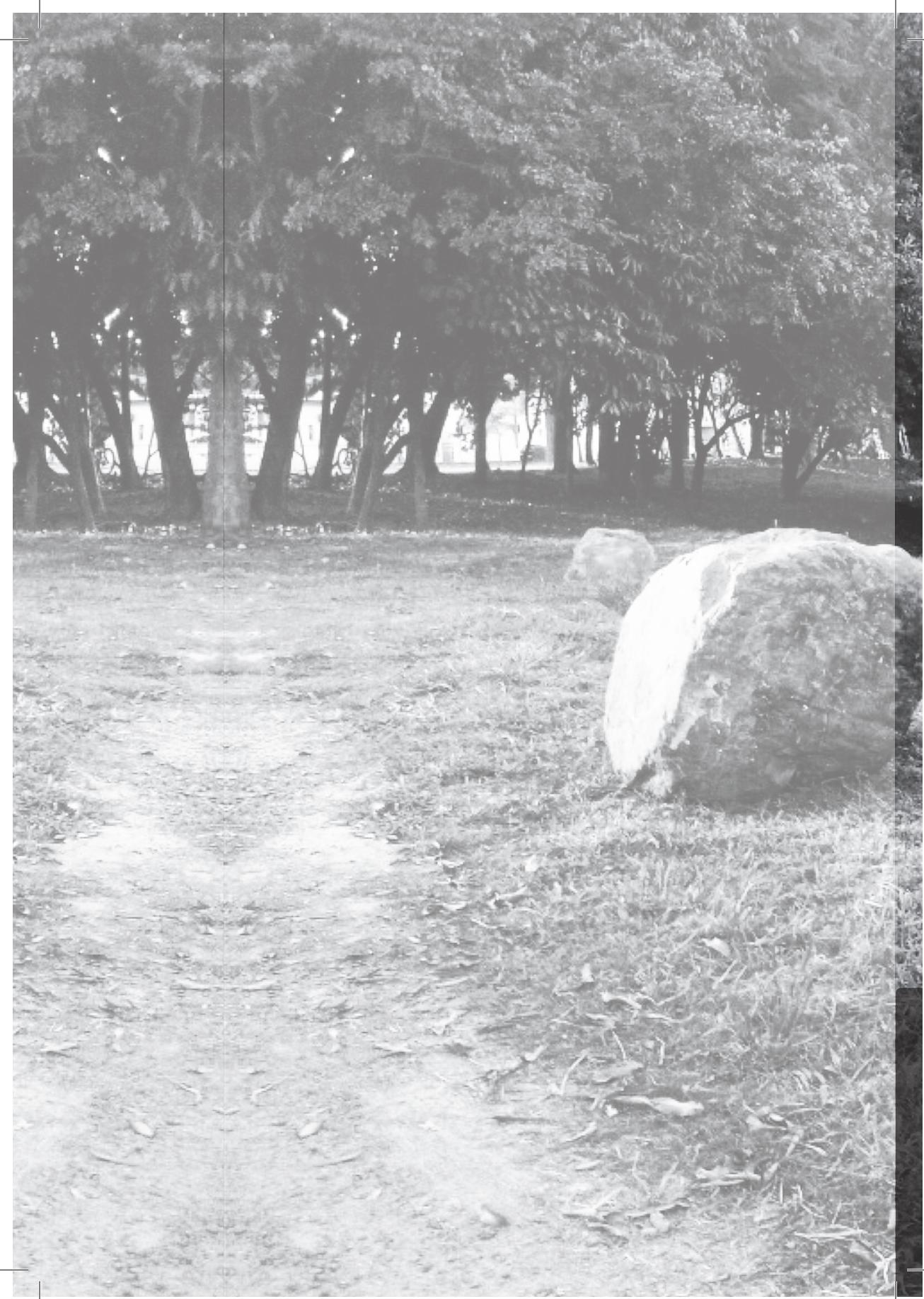
**7** Em situações nas quais nos sentimos culpados,  
Devemos mudar os nossos pensamentos para:  
“eu fiz o que foi possível fazer naquela circunstância”.

**8** Há beleza em tudo é só procurar.

Vamos dar a todas as pessoas  
que encontrarmos em nossos caminhos  
um sorriso, um gesto de carinho e uma palavra de afeto.

**10** Sejamos como as flores  
que espalham o seu perfume  
por onde passam.

**11** O amor  
é o melhor remédio  
contra todos os males.

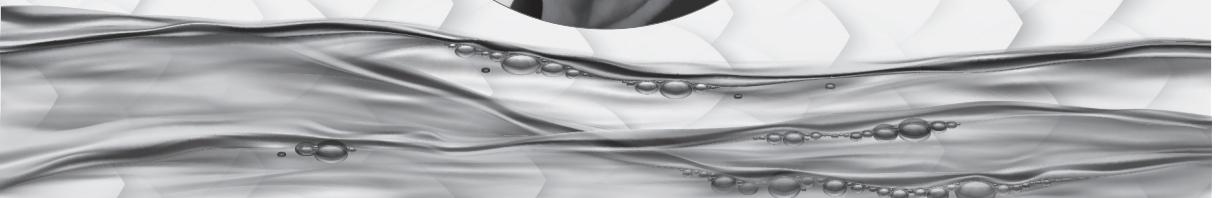




**Diacuí Pagotti**



Diacuí Pagotti



Adélia Diacuí Cruyer Fountonatt Pagotti, atual presidente da ALLA, é natural de Araçoiaba da Serra, interior de São Paulo. Filha de pais circenses, está radicada em Louveira desde 1972. Participou de outras coletâneas, incluindo Escritores Brasileiros, lançada em Lisboa, Portugal, em 2016. Membro-Fundadora da Academia Louveirense de Letras e Artes (ALLA).

Cadeira nº 16. Patrono Humberto de Campos.

“A natureza é sábia e justa.

O vento sacode as árvores, move os galhos, para que todas as folhas tenham o seu momento de ver o sol”.

Humberto de Campos

## A cachoeira

Acordei em uma bela manhã de quinta-feira, servi-me de café em uma caneca, que levei comigo enquanto caminhava pelo jardim de minha casa para admirar as flores — faço isso todas as manhãs, já é um velho hábito. Gosto de vislumbrar a beleza das folhagens, das gramas orvalhadas e saudar o sol. Depois, caminhei lentamente em direção à uma área de convívio onde costumo recepcionar os amigos, ainda na parte externa, e não pude conter uma exclamação que escapou em alta voz: — que bagunça!

Mas pensava feliz em como estava gostando de ver aquele amontoado de copos, talheres, pratos... Afinal há quanto tempo não fazíamos um afetuoso encontro como o que ocorreu na noite anterior? Então, aproveitei e dei uma organizada geral, pois coincidentemente era dia de faxina.

Ao pôr do sol, senti ter sido dominada totalmente pelo cansaço. O final da tarde estava tão quente quanto esteve o dia. Pensei em um banho frio e demorado antes do merecido descanso. Assim o fiz.

Peguei uma toalha macia e cheirosa, entrei no box e liguei o chuveiro de modo que a água saísse sem aquecimento. Ensaboei o corpo todo e, quando fui eliminar o shampoo dos cabelos, permaneci sob o jato de água, deixando-a escorrer pelo meu corpo; e assim, permaneci, em silêncio, por um tempo que não sei determinar. Normalmente, meus banhos são rápidos, por recomendação do dermatologista, mas, nesse dia, foi impossível obedecer. De repente, comecei a sentir frio e, sem saber porquê, meu coração começou a bater mais rápido,

então, me veio à memória algo que aconteceu quando eu tinha de seis para sete anos.

Havíamos nos mudado para uma cidade no interior do Estado do Paraná.

Meu pai, como de costume, convidou a família para dar uma volta e explorar os arredores da cidade. Na verdade, ele sempre nos levava para conhecer as matas, os rios, as cachoeiras — para todos era uma grande diversão (minha paixão pela natureza provavelmente adveio desse período). Neste dia, caminhamos muito até chegarmos à uma mata, onde adentramos. Papai ia sempre à nossa frente com um facão na mão, abrindo caminho. Nós o seguíamos, cada um carregando o seu farnel, sem questionamentos a respeito do destino ao qual nos conduzia, pois não tenho lembrança de que ele houvesse nos decepcionado alguma vez. O verde da mata e suas folhas com gamas de tons me proporcionavam um quê de conforto. Vez ou outra, avistávamos algum animal silvestre. Papai, como guia, nos explicava sobre tudo o que encontrávamos pelo caminho e tudo tinha um doce encanto.

Em um dado momento, ele estendeu a mão para trás e com ela aberta, fez sinal para pararmos. Virou-se e levou o dedo indicador à boca, soltando um “psiu”! Paramos e fizemos o silêncio solicitado. Então, ele abaixou-se até o chão, aproximando os ouvidos no solo, disse: — “Eu sabia, estamos quase chegando, ela existe”! Ela? Quem será? Mas não ousei perguntar, ninguém ousou. Ele gostava de nos surpreender. A caminhada continuou por um bom tempo, depois dessa parada repentina. O cansaço já havia se tornado visível no rosto de todos, quando finalmente descobrimos (mesmo que ainda de longe), o que era que meu pai buscava.

Era uma cachoeira, linda, majestosa, que, aos meus olhos de menina sonhadora, parecia um enorme véu de noiva. O deslumbramento tomou conta de nossos olhares. Minha dúvida (e creio que a de todos) era se conseguíramos chegar até

ela. A queda d'água vinha de uma altura descomunal e caía num buraco proporcionalmente gigantesco. Papai deu umas instruções à minha mãe para que ela o ajudasse a nos aproximarmos mais de maneira segura.

O volume de água era tão intenso e formidável que, ao cair, formava uma espuma encantadora ladeada por uma nuvem de fumaça. Formava-se, então, um riacho raso que corria lentamente, ostentando sua beleza. Papai olhando para nós, deu um pequeno sorriso, provavelmente pela expressão de encantamento que via em cada olhar. Ele pegou um a um pela mão e levou bem próximo à queda da cascata (para que perdêssemos o medo, creio), pois tudo era colossal. Eu, ao sentir a força daquela água cair sobre o meu corpo, experimentei pela primeira vez uma sensação inexplicável. Era um misto de felicidade, curiosidade, perplexidade. Sentia-me como um pássaro a se banhar, entrava e saia da cachoeira, tentando segurar a água com as mãos. Meus irmãos compartilhavam comigo dessa alegria ímpar.

Aos poucos fomos perdendo o medo e já conseguíamos nos virar sozinhos. Eu, como sempre, a mais corajosa, ousava mais. Subi sobre uma pedra e pulei, creio que acabei indo fundo demais. Para dizer a verdade, eu só me lembro de alguém segurar firme meu braço para me puxar para fora. A próxima imagem nítida que eu tenho é de estar com o rosto entre as mãos de meu pai e ouvindo a sua voz dizendo: — "Foi apenas um susto, já passou. Está pronta para mais um mergulho, garota corajosa?"

Foi quando o sabonete escorregou de minha mão, me arrancando, à força, de minhas recordações. Tentei fechar os olhos novamente para retornar a elas, mas as vivas impressões se esvaneceram. A água do chuveiro estava tão fria como a da cachoeira. Suspirei profundamente e sorri agradecida.

## *Flor do campo*

Com a mandioca, faço farinha de suruí.  
Misturo com mel silvestre, para a Índia Diacuí.  
Pele morena, selvagem, conquistou meu coração.  
Da tribo dos kalapalos, a trouxe para o meu rincão.  
Chegou bonita, faceira, com seu jeito, seu encanto.  
É flor: da mata, da serra, desta terra é flor do campo!

Diacuí Pagotti



VIII Coletânea – ALLA



**Donizete  
Saraiva Deolindo**

Donizete Saraiva Deolindo



Natural de Castilho-SP. Reside em Louveira desde 1983. Poeta e compositor com participação em outras coletâneas e com textos publicados em jornais.

Cadeira nº 26. Patrono José Rico.

"Nós devemos ser o que somos.  
Ter aquilo que bem merecer".

José Rico

# *Camuflagem*

Te excluindo da minha vida,  
Foi, que eu me inclui na sociedade.  
Antes, restrito só a você,  
Eu me excluía das amizades.  
Sabe lá o que é isso.  
Vivendo a você submisso,  
Sentindo o amargo sabor, da sua deslealdade?!

Chamo isso de desleal,  
Já que, ninguém é dono de ninguém  
Um mesquinho procedimento,  
Provocado por algo que, não convém.  
Na malícia da sua enrolação,  
Chantagem mau caráter má intenção,  
E, isso é, prejudicar alguém!

Uma pessoa deixando de viver,  
Por traz do véu da camuflagem  
Desencadear um cativeiro,  
Numa precária hospedagem.  
Em ambiente cheirando a mofo,  
Na imundice de um cafofo,  
Sem ventilação sem drenagem.

Só após o desfecho de tudo,  
Me dei conta da vida de louco.  
Ao invés de viver eu morria,  
Naquele verdadeiro sufoco.  
Se, aquilo for amor já chutei o balde,  
Pois só agora em liberdade,  
Percebo que, estava morrendo aos poucos!

## *Vendaval*

O imponente vendaval,  
Deixou muitos em desespero,  
Fez uma varredura no meu quintal,  
Soprando as folhas por inteiro.  
Mas... de repente a chuva mansa,  
Como quem diz: — calmaria, e, suave dança  
Veio irrigar o meu canteiro.

Depois da tempestade a bonança,  
Quem já não ouviu dizer?  
É vitorioso aquele que o crer.  
Também é preciso aprender,  
Agir com perseverança,  
Acreditar e, ter esperança  
Em um novo amanhecer!

Diante do poder de Deus,  
Sê rompe qualquer parede.  
Das pedras faz jorrar água,  
Do povo sedento mata a sede.  
Generosamente se apresentou,  
E aos discípulos ordenou,  
Lançarem novamente a rede.

A sua benevolência é tanta,  
Superando a nossa imaginação.  
A começar que por meio dele  
Obtivemos há salvação!  
Espírito de verdade, Deus da luz.  
Que, após, a morte de cruz,  
Se redimiu, por sua ressurreição!

## *Pesadelo*

Eu, até pergunto para você,  
Caro leitor, meu parceiro.  
Se através de sonho,  
Nunca esteve em desespero.  
Em sonho eu, me sentia mal das vistas,  
E, indo, até o oculista,  
Dei de cara com um serralheiro.

Em posse duma máquina de solda,  
Se dizia cirurgião.  
Me disse fique tranquilo,  
Que eu vou fazer a restauração.  
Dê um jeito tão animal,  
Que eu enxerguei o carro do funeral,  
Vindo em minha direção!

Espantado eu saí correndo,  
Num tremendo alvoroço.  
Entrando em um matagal,  
Acabei dentro de um poço.  
Ao invés de corpo de bombeiro,  
Me deparei com um coveiro,  
Com a sua pá de terra, já chegava ao pescoço.

O meu pesadelo só aumentava,  
Em meio a tanta confusão.  
O socorrista agora chegava a cavalo,  
E, com uma forte corda entrelaçava a minha mão.  
Na medida que o mesmo açoitou o seu cavalo  
Já fui ouvindo um grande estalo,  
Qual profissional, poderia agora, fazer a restauração?

Logicamente que, um ortopedista,  
Seria agora a indicação.  
No departamento dele, um sapateiro,  
Com pregos, linha e martelo para manutenção.  
Então, me disse, aqui não tem erro,  
Se não conserto, faço o enterro,  
Fique tranquilo cidadão!

Já dizia o velho deitado,  
Cada louco com a sua mania.  
Eu muito mal-acostumado,  
Com a sonequinha do meio dia.  
Acho, que, exagerei na barriga pra lá de cheia,  
E, sonhei com tanta coisa feia,  
Que pôr pouco não morria!  
Sei, que, por este sonho atrapalhado,  
Eu troco morrer acordado,  
Prefiro morrer em paz, com a barriga vazia.



**Eleide Reges**

# Eleide Reges



Natural de Assis-SP. Reside em Louveira desde 1971. Graduada em Letras e em Docência do Ensino Superior, com Pós-Graduação em Gestão Escolar. Foi Secretária de Cultura, Esporte e Turismo na Prefeitura de Louveira. Escritora, com obras publicadas em outras coletâneas.

Cadeira nº 27. Patrono Jorge Amado.

“Eu sou muito otimista, muito. O Brasil é um país com uma força enorme. Nós um continente... com um povo extraordinário”.

Jorge Amado

# *Meu amigo*

Amigos...

Por todos aqueles momentos

Agradeço ter sido constante

Em minha vida.

Não tem como explicar

Nem maneiras de escrever.

Nas mudanças, pelas quais

Tudo aconteceu.

Inspirada nos pensamentos.

Nos detalhes do meu firmamento,

Por tudo isso estamos juntos.

Ou a quilômetros de distância

Por repetidas provas no caminho.

Acredito muito no destino.

Seguimos a nossa estrada,

Quanta história nessa partida.

Um verdadeiro conto, desta vida.

Com certeza tudo muito aceito,

Com muito amor e respeito.

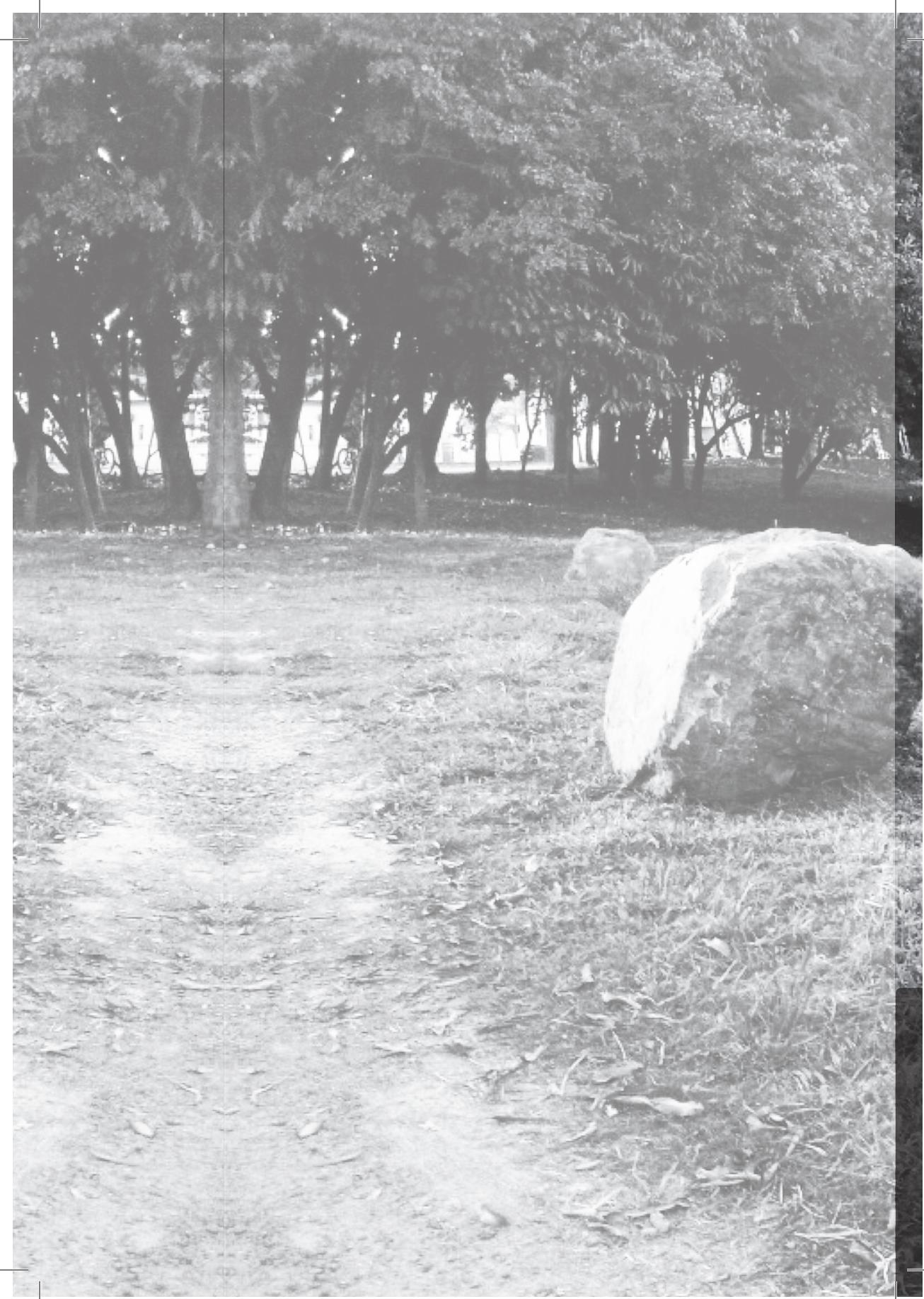
## O Poeta

Os poetas na sociedade proletária  
São cidadãos com lugar na sociedade  
Com matérias extraordinárias.  
Suponha que é uma linha.  
Com linguagens de conjugações.  
Trata-se de palavras.  
De reflexão e renúncia.

Às vezes incendeia e  
Às vezes explode.  
Onde encontrar a sobrevivência.  
Eu me lanço e me divido,  
Em milhões de palavras.  
Que flama ou emana nas brasas.  
Essas palavras põem-se em lutas.  
Os líricos castrados.  
E sempre alastrados.  
Com soluções e confetes.  
O poeta é um eterno,  
Pagador de sentimentos.

# *O Tempo é sábio*

Se na vida eu tivesse a oportunidade.  
De saber como o tempo é sábio.  
Não reclamaria do tempo e da sua condição.  
Pois ele regula seu mundo.  
Para lembrar e sentir que ele vai  
E não depende de ninguém.  
Só aceitar que o passado vem.  
Leva a esperança e o recomeço.  
Nos faz lembrar da nostalgie,  
De tudo que passou na vida.  
E nos nossos dias.  
São momentos inesquecíveis.  
São momentos inexplicáveis.  
E sensações incomparáveis.  
Com caminhos silenciosos e confortáveis...





**Erick Rolf**

**Erick Rolf**



Natural de São Paulo – SP, foi criado na primeira infância na Alemanha e reside em Louveira desde 2002. Formado em administração de empresas, atua como especialista no desenvolvimento humano. Escritor, com temáticas voltadas para reflexão e despertar, acreditando que a escrita e textos poéticos são formas de tocar e influenciar as pessoas e suas almas, no sentido de possibilitar outras situações.

Cadeira nº 04. Patrono Oswald de Andrade.

“Tupi or not tupi, that is the question”.

Oswald de Andrade

## *Insignificância Vazia*

Vazio, insignificância  
Quanto meu valor para outrem  
Deve valer para mim?

Caiu, num trauma de infância  
Que passageiro é esse no trem  
Que tira o poder de mim?

Ah sim, falta de tolerância  
É do caos que provem a ordem  
Vou cuidar do passageiro sombrio.

Por mim, vou tirar essa ânsia  
Vou superar o desdém  
E recuperar meu brio.

Quebra de padrão  
Nenhuma rima foi em vão  
O vivido foi bom  
Mas preciso continuar são.



Passageiro sombrio  
Observe quem te ama  
E vamos como arquétipo da fênix  
Ressurgir das chamas.

Queima, purifica  
Evolução é ascensão.

84  
Não teima, a Luz fica  
E não a escuridão.

Sombria a passagem  
Não o passageiro  
Sorria, uma vantagem  
A maior arma do guerreiro.

# *Polaridade presente*

O cinza e o verde se misturam  
No olhar dilatado e intenso  
Sorrisos a alma maturam  
E o coração bate imenso

Signos opostos e complementares  
Polaridade está presente  
No silêncio a troca de olhares  
Faz com que carinho aumente

Quem será esse alguém  
Com quem converso ao longo do dia  
Mit Grünen Augen  
Já, Ich wünsche dich mit mir

As línguas se enrolam  
Português e alemão  
As horas não demoram  
Escapam pela mão

Was wird es sein?  
E também, wann?  
There is no wasting time  
Wie hast du das gethan?

A cada fala do caranguejo  
O Capricórnio amolece  
E não esconde seu desejo  
De compartilhar o carinho que oferece

# ***Saudade***

Saudade, um vazio interno  
Um silêncio doloroso  
Ansiedade. Cada segundo se torna eterno  
Em si o fim amoroso

Decisões individuais  
O que posso fazer,  
Se não me ama mais?  
Além de me refazer

Gratidão pelo vívido  
História única e importante  
No coração ainda vívido  
Estoura um amor dissonante

Sinto muito  
Lamento  
Sou grato

Quis muito  
Ainda aguento  
A cada ato

Paciênciа, ensinamento  
Manter o prumo e o nível  
Consciênciа, encerramento  
Manter o Rumо invisível

Ciclos da vida  
Não há como parar  
Vejo a vinda e a ida  
Talvez hora de recomeçar



Meus irmãos  
Ainda  
Insistem ir  
Além?  
  
Amém!  
Levante o olhar à  
Estrela  
Maravilhe-se com o brilho



**Gerson  
Domingos de Oliveira**



Natural da capital de São Paulo. Reside em Louveira desde 1995 onde desenvolveu e coordenou um projeto exercendo a função de treinador de futebol voluntário para garotos, no bairro Monterrey. Escritor e poeta com participação em outras coletâneas.

Cadeira nº 38. Patrono Gonçalves Dias

“A vida é luta renhida, que aos fracos abate, e aos fortes, só faz exaltar”.

Gonçalves Dias

# Amiga Natureza

Quando Deus criou o mundo, fez com perfeição.  
Criou a natureza, um paraíso.  
Um belo jardim com milhões de árvores, coloridas e floridas,  
pássaros a cantar, com seu canto.  
Parecia uma sinfonia, as árvores em silêncio ouviam.  
Ouvia-se o chiar das cataratas, e murmúrio das águas dos rios,  
peixinhos nadando felizes.  
Os bichos por capricho, tomando seu banho  
se refrescando, patinhos nadando contentes.



Com o passar dos anos o homem foi destruindo tudo,  
desmatando, os rios secando.  
Fez tamanha judiação e destruição,  
com a motosserra cortando árvores centenárias, frutíferas,  
deixando, aves e bichos sem alimentos.  
Tudo desprotegido, quando a chuva vem, lava fazendo erosão.

O ser humano é tão desalmado!  
No tempo de chuva joga o lixo no leito do rio e do córrego,  
quando chove tem enchente, água já não flui naturalmente.  
Solta balões que quando caem nas matas desperta o fogo,  
maltrata a natureza, mata bichos e aves.



Assoreando barrancos, desprotege as nascentes  
Nos grandes mananciais, entra poluição de todo tipo.  
Se fica doente, sem respiração.  
A fonte do desejo onde os passarinhos faziam o pedido,  
de encontrar sua amada, virou fonte do desprezo, acabou.

Todo dia falam em desmatamento na Amazônia.  
Corta-se árvore de todo tipo. Desmata áreas grandes.  
Há lei, mas ela não vence, é fraca.  
Quando se prende os malfeiteiros, pagam fiança e são soltos.

A falta de água no nosso país é por causa do desmatamento.  
Sem programa de conscientização, secam os mananciais.

Antigamente era a dança das quatro estações.  
Hoje, chove num lugar demais e outro seca demais,  
está tudo descontrolado.

Culpado é o homem que está acabando com tudo,  
desprezível não tem coração,  
destrói tudo que encontra pela frente,  
animais estão morrendo de fome e sede...  
É tão triste ver isso acontecendo aqui no Brasil.  
Vamos dar as mãos e construir: um mundo melhor,  
semeiar sementes, plantar uma árvore,  
enriquecer a natureza para nossa saúde.  
Eu quero, eu preciso, nós queremos, nós precisamos.  
A Natureza pede socorro!

# Rio Capivari

Ele nasce na bela cidade de Jundiaí.  
Conhecido como o rio das capivaras.  
Da nascente formou água corrente,  
Que segue o curso, em forma de discurso.

Passando por várias roças onde trabalhadores  
Almoçam e descansam na velha palhoça.  
Até chegar em Louveira,  
conhecida cidade da videira.

Tabarana, peixe bonito, bacana.  
Árvores frutíferas na beira do rio, amoreira, ameixeira,  
orvalha, pitomba, quando venta os frutos  
caem na água fazendo pequenas ondas.

Praça arborizada, chafariz jorrando água  
sem parar, onde os passarinhos vão tomar banho  
As pessoas pela manhã vão pegar água na bica.  
Que coisa rica, enche garrafão que emoção!



Vai chegando fim de semana. Bem cedo está frio.  
Rapazes, moças, senhores e senhoras vão caminhar,  
em volta do rio, vão tomar água para matar sua sede.

Passam, chegam na ponte, sobe e desce animado.  
Que alegria, já estão pensando no outro dia.  
Já cansados neste sábado, mas coração cheio de satisfação.

Iluminado todo o rio, dá para ver todos os peixes.  
Chega o domingo — dia tão lindo — as famílias  
vão chegando, se acomodam sob as árvores.

Organizam saboroso piquenique e as crianças brincam e nadam.  
Os peixes se amontoam para receber migalhas das mãozinhas.  
Ponto alto: os pais começam armar a churrasqueira.

Depois do churrasco, descanso merecido.  
Enquanto na rede tomam água e matam a sede.  
As crianças vão brincar no balanço.

A tarde os namorados sentam no banco da praça,  
Estão se beijando e se amando.  
A menina vai pegar água na mina pura cristalina.

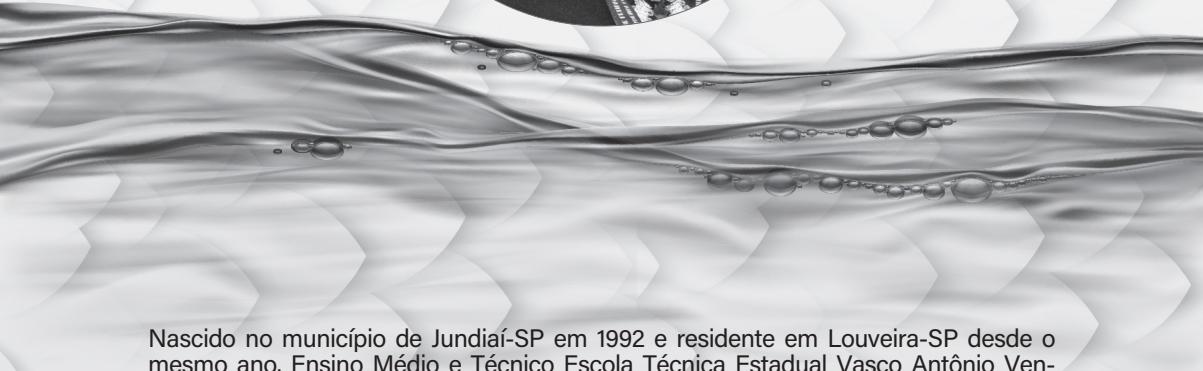
O sol brilha, que maravilha — dá para ver os peixes.  
Chega à tardezinha, vão se aprontando e voltam às casas.  
Que domingo alegre e feliz que passaram.



**Giovanni Cunha**



Giovanni Cunha



Nascido no município de Jundiaí-SP em 1992 e residente em Louveira-SP desde o mesmo ano. Ensino Médio e Técnico Escola Técnica Estadual Vasco Antônio Venchiarutti (ETEcVAV Jundiaí). Graduação Odontologia: Faculdade de Odontologia de Araraquara - UNESP. Pós-graduação (Mestrado) Ciências Odontológicas - Cirurgia e Traumatologia Bucomaxilofacial: Faculdade de Odontologia de Araraquara - UNESP. Especialização em implantodontia e prótese sobre implantes - ISEO/Avanti São Carlos-SP. Especialização em Radiologia e Imagninologia Odontológica - FACOP. Radiologista Hospitalar. Pós-graduação (Doutorado) Ciências Odontológicas - Cirurgia e Traumatologia Bucomaxilofacial: Faculdade de Odontologia de Araraquara - UNESP. Cirurgia plástica de gengiva AORP-Ribeirão Preto. Pós-graduação (Doutorado - CAPESPrint) Impressão, design e manufatura additive 3D em Cirurgia Bucomaxilofacial: Universitätsspital Basel e University of Basel, ambos na Suíça. Research fellow pelo grupo Swiss MAM e Laboratório de Impressão 3D no setor de Radiologia e Medicina Nuclear do Universitätsspital Basel. Possui experiência em revisão e escrita científica. Atualmente é revisor do periódico internacional Annals of Maxillofacial Surgery. Fluente em Língua Portuguesa (materna) e Inglês, além de possuir conhecimento em Espanhol e Alemão.

Cadeira nº 24. Patrono Elyseu Queiroz de Souza

“A Igreja de hoje é melhor que a de ontem”.

Elyzeu Queiroz de Souza

# Recomeço

## parte 1

O relógio marcara pontualmente dez e dois naquela fria manhã suíça e uma nova composição dava os sinais de chegada. À medida que a grande locomotiva avançava sobre os trilhos em direção a estação, o compasso das rodas de ferro era reduzido. O condutor gesticulava com as mãos para fora do vagão ao mesmo tempo que o barulho da buzina fazia-se audível. Os últimos sons daquela longa jornada — como se insistisse aos mais desavisados que o trem havia atingido seu destino.

Os vagões finalmente pararam sobre os trilhos enquanto alguns avisos ainda eram ouvidos pelos autofalantes do trem. Composições que por sinal pertenciam a antiga companhia ferroviária do oeste. Modelos antigos, porém preservados; em todos os detalhes ao longo de cada um dos vagões se via a história registrada, fosse na costura inglesa clássica das poltronas ou nos espelhos bem-acabados, de origem francesa, posicionados nos toilettes. Na primeira classe o requinte e sofisticação revelava o que havia sido os anos de glória da empresa. Como um livro aberto aqueles trens contavam as últimas décadas europeias.

As portas se abriram num compasso organizado e pontual — típico daqueles trens. O relógio repousava o ponteiro menor sobre número seis e o maior sobre o dez. A viagem era finda. Naquela manhã os trens que chegavam apenas possuíam o destino de ida pois o caminho contrário lhes era impedido. Não haveria volta. Pelo menos não nos próximos anos. As várias barricadas ao longo do trajeto evidenciavam que tempos trabalhosos se anunciam. Aquelas locomotivas que outrora carregavam importantes passageiros de leste a oeste, cruzando o velho continente em tempo recorde para a época estavam prestes a repousar nos pá-

tios frios de Basileia até segunda ordem. O sistema postal civil, que dependia quase que exclusivamente do sistema ferroviário também seria interrompido sem previsão de retorno.

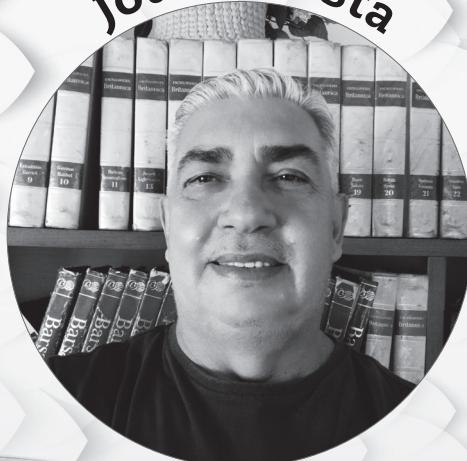
Mas naquela derradeira viagem as classes já não eram mais importantes, pois cada assento era precioso demais para ser reservado por algumas pratas. Em cada vagão, misturados entre as bagagens, viam-se os primeiros habitantes das regiões belicosas. Mesmo que ainda não havia uma guerra declarada, seu início parecia iminente. O terror e a tristeza estava estampado nos olhares de desalento daqueles passageiros. Algumas crianças brincavam entre os bancos do vagão parecendo que estavam prestes a embarcar em uma viagem de férias ou até visitar a parentela mais distante — de tão pequenas e inocentes tampouco davam-se conta que talvez nunca voltassem a terra natal.

A tripulação, com um gesto cortês, estendendo a mão despedia-se dos passageiros como se quisesse trazer um pouco de esperança àqueles que transportara de tão hostil lugar. A tensão promovida pelos rumores da guerra no leste eram evidentes, não somente aos viajantes, mas também aos habitantes da nação que os acolhera. Certamente, não seriam dias fáceis, mas aquela estação representava um sinal de recomeço àqueles que foram forçados a deixar sua terra.



**João Batista**

João Batista



Nascido em Jundiaí/SP. Pedagogo e colunista no Jornal Folha Notícias. Membro efetivo da ALLA a partir de 2021. Criador do termo "Louveirando", usado nos meios de comunicação.

Cadeira nº 22. Patronesse Clarice Lispector

"O amor já está, está sempre. Falta apenas o golpe da graça – que se chama paixão".

Clarice Lispector

# Calçadas não há

Eu não te atropelarei, por mais que tu insistas  
O suicídio é teu, e deste ato insano, parte não tomarei  
Podes andar no meio da rua, atravessar fora da faixa  
Eu não te atropelarei.  
Podes, sem olhar para os lados, repito,  
atrapassar a rua de cabeça baixa  
Olhando no celular: eu não te atropelarei  
Ratifico, o suicídio é teu  
Não me levará para onde fores  
Seja o céu, que eu duvido, ou o inferno o mais provável  
Que eu não torço... mas é para onde os suicidas vão  
Te seguirei devagar pelas ruas e não responderei  
aos teus gestos, obscenos gestos, que fazes com o dedo,  
aquele do meio da mão: o dedo e o suicídio são teus...  
Eu não te atropelarei  
Carregues o celular com teus passos numa conduta abjeta  
E, de dentro do meu carro, eu seguirei pela rua  
Te vendo ali, logo adiante, fora da faixa, estendido e morto  
Cabeça e sangue, mão retorcida e celular intacto  
Um assunto para o almoço de domingo, antes do futebol

## *Vento Sul*

A Praça existe  
À frente, é logo ali  
A rua a vê vazia  
Fazia frio, faltava gente  
A Praça não se importa  
O vento a toma inteira  
Dizendo ser seu amigo

João Batista

## *Paixão*

Eu quis tanto, vê-lo hoje  
Pois tê-lo já, visto ontem  
Faz o amanhã tão longe

 102

VIII Coletânea – ALLA

## *Tia Clara*

Um sorriso claro, de uma pessoa rara  
Sempre que o tempo para, é para fitá-lo  
E não para tê-lo, como afirmam uns tais  
Um sorriso raro, que o tempo implora  
Que sempre dure mais  
Para que seja assim  
Para que não tenha fim  
E se a eternidade não fosse tão tola  
Ela passaria sem constrangimento  
Somente a imitá-la  
Essa pessoa “Clara”, de sorriso claro

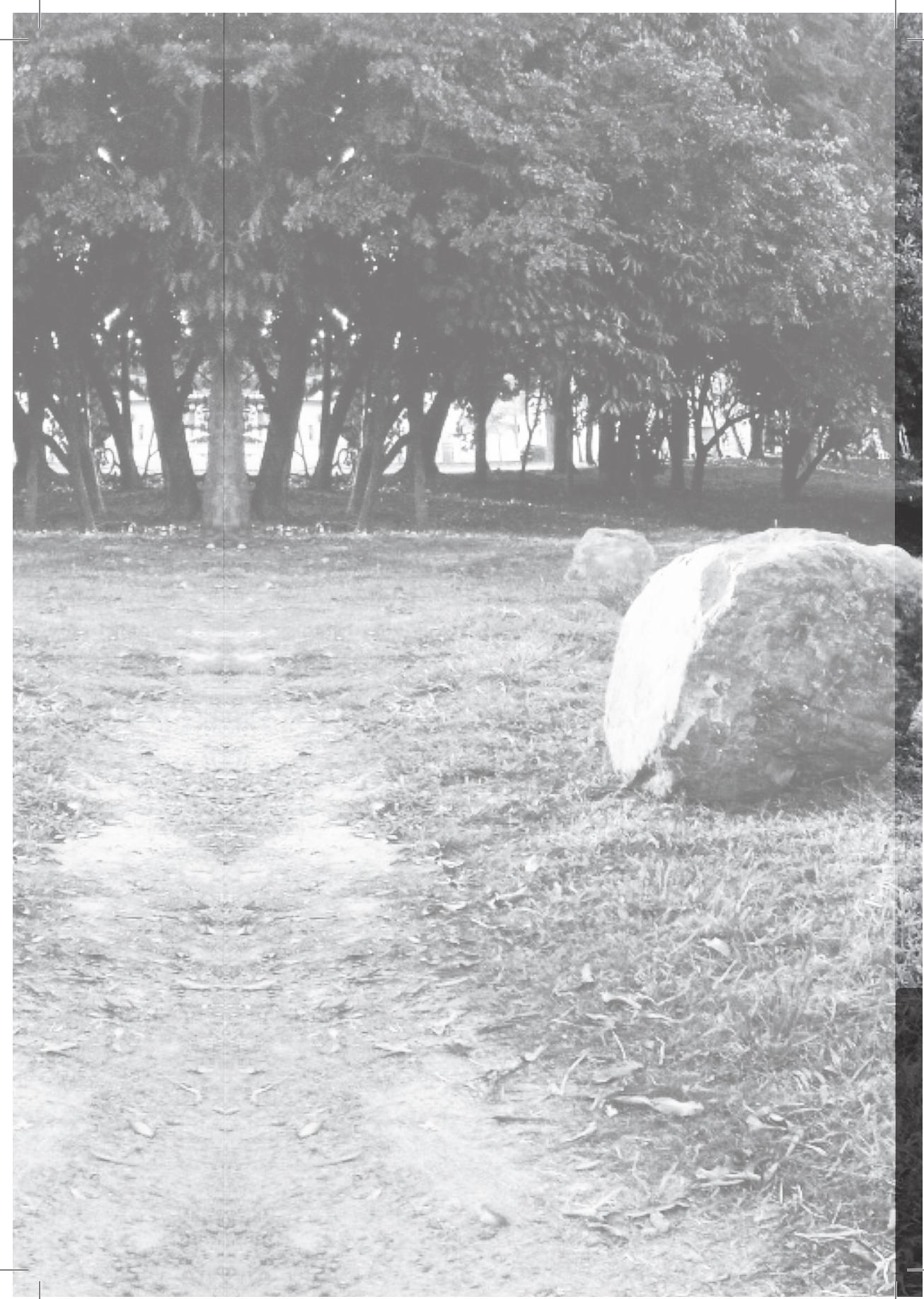
# *Que voltem as tabaranas!*

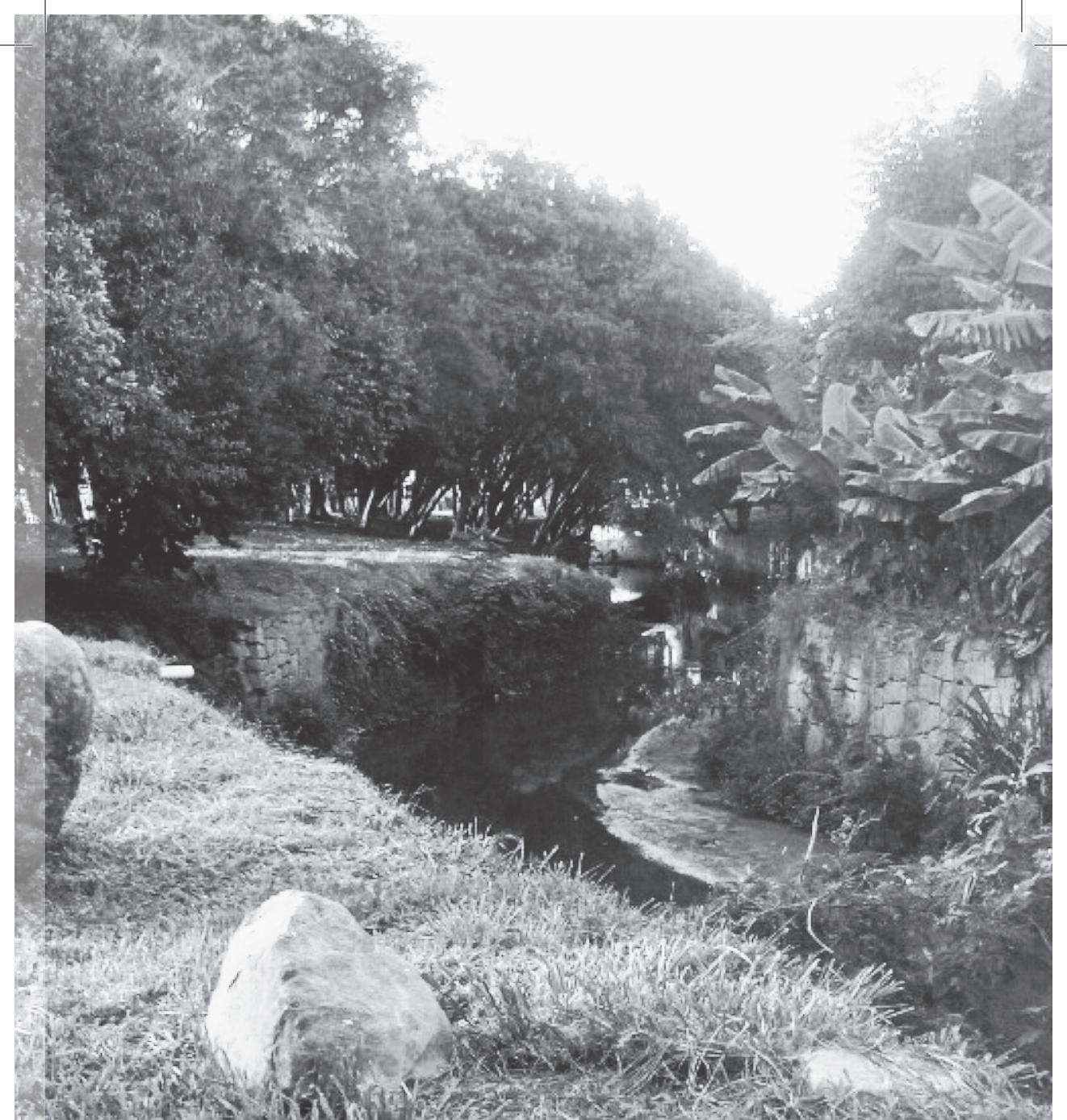
O rio, este mesmo que tu vês hoje, contendo águas impuras  
Outrora de águas claras, abundantes, límpidas e transparentes  
Mil vezes, ou mais, essas águas frescas, fizeram brotar sementes  
Agora, num tempo de desalento, sujas, embaçam o que procura

O leito raso, sem força, formata com lentidão, apenas terras dormentes  
Carrega dentro de si, correndo bem devagar: em poluição não há curas  
Tingindo as suas margens, num jorro quase sem vida, chorando suas agruras  
Mostrando a todo mundo, que o homem jogou ali, seus atos inconsequentes

Num zigue-zague aquático, num movimento ainda lento, há esperança sim  
De que tudo que ali respira, nas águas bem poluídas, com muita dificuldade  
Se o homem aderir ao trabalho, prumado e com direção, ainda não será o fim

Outrora, as tabaranas, os cascudos e os lambaris, saudaram tua mocidade  
Por outro lado, as lontras, capivaras e as crianças, brincaram com o capim  
Que hoje! Voltem as tabaranas, deixem de ser projeto, e tornem realidade





Júlia  
Fernandes Heimann

Júlia Fernandes Heimann



Natural do Rio de Janeiro. É escritora e poetisa. Membro da Academia Jundiaiense de Letras; vice-presidente da Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiaí; membro do Grêmio Cultural Prof. Pedro Fávaro; vice-presidente da Câmara Setorial de Literatura. Autora de onze livros. Participante de mais de cinquenta antologias. Recebeu da União Brasileira de Trovadores (UBT) a denominação de Delegada da UBT em Jundiaí, após ter recebido vários prêmios com suas trovas. Escreve, quinzenalmente, no Jundiaí Agora.

Cadeira nº 15. Patrono Synésio Ascêncio.

“Tarumeiro – tarumã... crescendo para o alto,  
leva em cada ponta, pontas de amor de cunhã”.

Synésio Ascêncio

# Meio Ambiente Poluído

Muito louvável a iniciativa do prefeito de Louveira, Dr. Estanislau Steck, objetivando despoluir o Rio Capivari na extensão que passa pela cidade que administra! Exemplo que deveria ser seguido por todos os políticos, quer prefeitos, governadores e outros.

O Rio Capivari, com nascente em Jundiaí, passa por Louveira, Vinhedo, Valinhos, Campinas, Monte Mor, Elias Fausto, Capivari e Rafard. Seria uma maravilha se todos os prefeitos dessas cidades pensassem em sua despoluição!

Os peixes Tabaranas (*Salminus hilarii*), que antes eram abundantes no rio, foram dizimados. Embora seja uma qualidade de peixe agressiva e carnívora, com dentes aguçados e imprópria para consumo, era parte natural da região. Mas isso não acontece só com o Rio Capivari.

Também o Rio Jundiaí está poluído. Os jundiás, que aqui abundavam e deram nome à cidade, também foram dizimados! O rio, onde os moradores antigos nadavam, está sujo, a industrialização se encarregou disso. Consequência do progresso e da falta de consciência de preservação.

O Rio Jundiaí, que nasce em Mairiporã, atravessa os municípios de Campo Limpo Paulista, Várzea Paulista, Jundiaí, Itupeva, Indaiatuba e deságua no Rio Tietê, em Salto; local onde está mais poluído.

Falando-se em Rio Tietê, vamos lembrar que ele tem 1.136 km de extensão, atravessa 62 municípios paulistas e passa por todo o estado de São Paulo, de leste a oeste. Cruza toda a região urbana de São Paulo (capital); nascendo na Serra do Mar, em Salesópolis

e desaguando no Rio Paraná, em Itapura, que faz divisa com Mato Grosso do Sul. Seu manancial está altamente poluído pelos detritos que recebe, principalmente na capital paulista.

O Rio Tietê já foi líder em esportes aquáticos. Ali se praticavam várias modalidades de regatas, tais como: remo, natação e saltos ornamentais. Foi o berço de clubes direcionados para esse tipo de competição. Hoje, totalmente poluído, é impróprio para qualquer tipo de esporte.

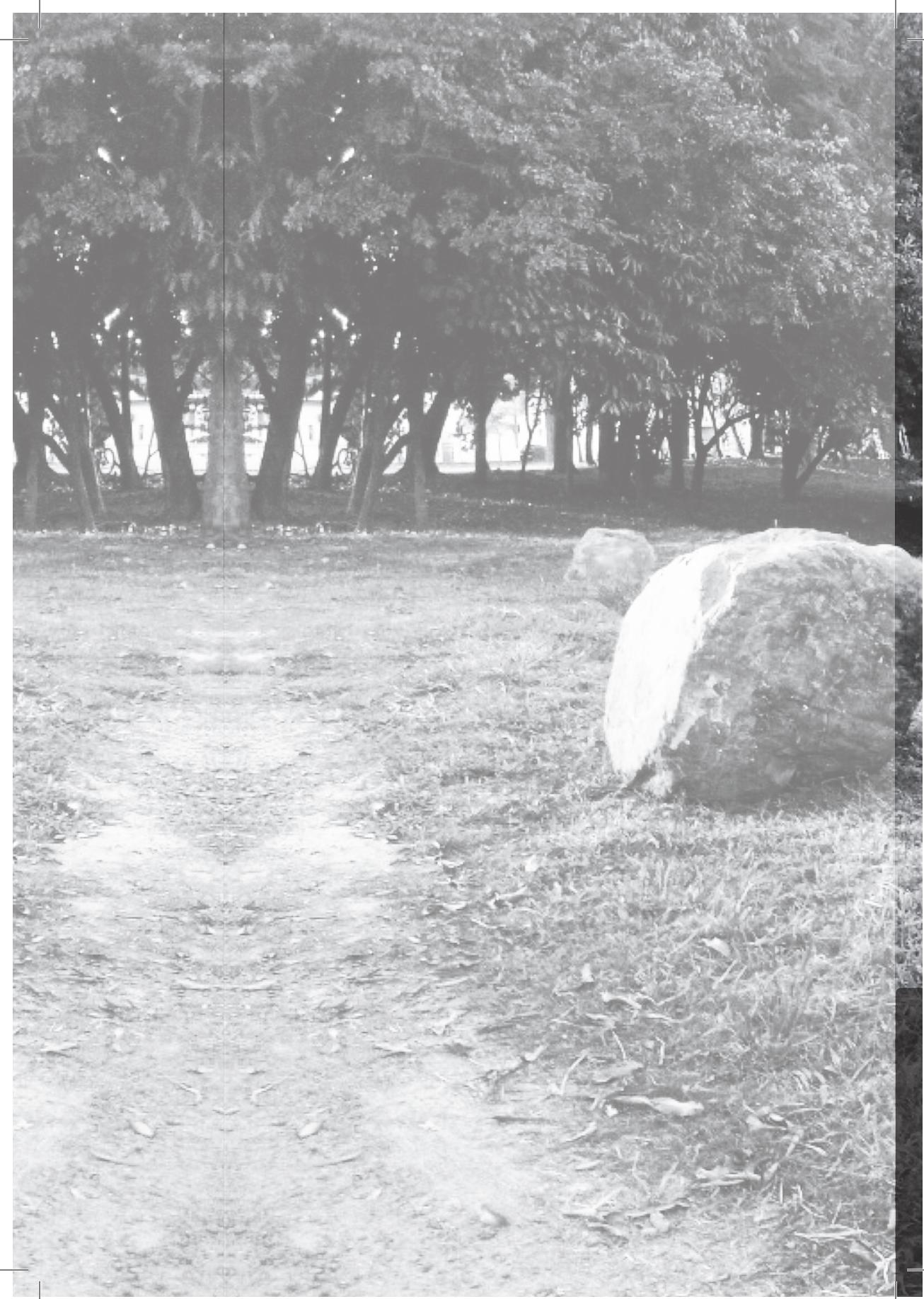
Aproveitando que a crônica fala de poluição, citarei a Serra do Japi, uma vítima iminente do progresso. É a única floresta tropical do mundo a erguer-se sobre solo de quartzo que, se for danificado, se tornará em solo calcinante, deserto incompatível com qualquer forma de vida, mas continua a ser explorada. Os apelos à conscientização são muitos; as leis proibitórias para coibir abusos e degradação da natureza são inócuas. Enquanto leis mais severas não acontecem, vamos assistindo indústrias se aproximando e a derrubada da mata para construções. Embora haja sete dispositivos legais para protegê-la, iniciando com o tombamento pelo CONDEPHAAT, desde 1983; a Lei Municipal nº 3732/91 que regula a Guarda Municipal, tendo em sua composição a Corporação Ambiental; a APA (Área de Proteção Ambiental Permanente), Lei Estadual/1984 ; declaração, pela UNESCO, em 1992, como Reserva de Biosfera de Mata Atlântica e ainda outras, visando sua proteção, parecem não existir.

Em 2010, quando foram comemorados os 27 anos de tombamento, o falecido geógrafo e professor Aziz Nacib Ab'Saber, mentor do tombamento, fez o seguinte depoimento: "A fiscalização é quase inexistente, por isso, ela (a fiscalização) deve ser feita antes que condomínios sejam construídos ". Também o professor de biologia da Unicamp, João Vasconcellos Neto, assim se pronunciou: "Já foram estudados e produzidos mais de 100 artigos e mais de 60 teses de mestrado e doutorado sobre a fauna e a flora da Serra do Japi e posso afirmar que estamos longe de conhecer a Serra". Realmente, é um patrimônio, não só da região e do Estado, mas nacional!

Leis proibitórias podem ser feitas, mas a principal mesmo, a que vai conseguir despoluir os rios e serras, é a conscientização do povo, enquanto isso não aflorar, vai ser difícil.

Na cidade de Louveira, haverá sucesso, com certeza! O povo é cuidadoso e a degradação ambiental ainda é possível de ser controlada. Que o Rio Capivari torne a ser habitat de muitos peixes e que sua mata ciliar seja povoada por pássaros e outros animais que encantem os moradores!

Sucesso louveirenses!





**Larissa Scomparim**



Larissa Scomparim



Campineira de nascença e Louveirense de coração desde 2017. Neuropsicopedagoga, com pós graduação na arte milenar de contar histórias. Além de possuir formação complementar em Sociologia e Artes Visuais. Atua desde o ano de 2002 na educação com vivências em variadas faixas etárias. Projetos aprovados no Proac e reconhecimento através de premiações nos concursos: Ler um livro para ler o mundo e Movimentos das Cidades. Diretora Cultural na ALLA (Academia Louveirense de Letras e Artes) com diversos textos publicados e criadora do canal "INFINITO JÁ"

Cadeira nº 11. Patrono Vinícius de Moraes.

"Que seja infinito enquanto dure".

Vinícius de Moraes

## *Castigada pela vida*

No rosto erupções da juventude,  
Imersas em covas de tristeza,  
Dentes escondidos negam a sorrir,  
Lágrimas correm.  
Já não durmo, não como e nem vivo.  
Não consigo encontrar a saída.  
Dentro do penhasco de minha solidão,  
Procuro o eco da minha felicidade.

Vejo minhas lembranças ilhadas a ratos,  
Meus familiares em criptas de cemitérios.  
Só um é digno de meu respeito.  
Aquele que enxuga minhas secreções,  
E por ele busco enganar um sorriso.

Mas meu cálice de esperança  
Está prestes a transbordar,  
Lágrimas viscosas e vermelhas.  
Ninguém comprehende o que sinto,  
De querer tanto o bem, cometí o mal,  
Da minha escuridão, o aroma do pecado  
Trará sabor de veneno.  
Posso merecer o perdão?  
Mas, já não há quem possa me perdoar.



## O Desabrochar da rosa

O Desabrochar de uma rosa é um momento mágico tão esperado, no qual se revela toda a dedicação e cuidado em que ela foi tratada, regada com muito amor e carinho, exposta ao sol na medida certa e protegida contra os perigos, irá se tornar vistosa.

Depois de tantos cuidados, de tamanho zelo, nada mais justo do que aguardar ansiosamente o momento de desabrochar, mas por incrível que pareça, esse tão esperado instante, de uma hora para outra, o que era tão previsto, torna-se temeroso.

É uma inexplicável vontade de quebrar o tempo, de tal forma que aquele lindo e tão belo botãozinho de rosa permanecesse, sempre, tão lindo e belo, frágil botão de rosa, que, por si só, não seja suficiente para sobreviver, necessitando sempre de tamanho zelo e proteção.

Ficasse eternamente aquele botão e a beleza da essência que carrega de ser tão promissor, tão esperançoso futuro que lhe aguarda, ficasse sempre a prometer. Pois ao olhar um botão de rosa, não é só a beleza que se mostra, mas sim a possibilidade que vem a ter, em se tornar uma bela e formosa rosa.

Mas independente de tamanha vontade em congelar o tempo, ele passa e mesmo sem querer enxergar o florescer desta rosa, ela brilha. Brilha de tal forma que surpreende a quem com tanto zelo a cuidou, pois se tornou a mais bela rosa.

Então, não resta mais nada a não ser, render-se inegavelmente ao seu brilho e se condenar por pensamento tamanho em privar o mundo do teu esplendor, pelo simples fato de querer eternamente aquele tão dependente botão de rosa.

Desabrochou... É fato! Mas deste novo brilhar irá continuar o ciclo da vida e muito que provável virá mais um lindo e belo botãozinho de rosa com todo o seu potencial e esta rosa que acabara de desabrochar irá entender o porquê de querer quebrar o tempo no momento do desabrochar da rosa.

*Homenagem à minha filha Amanda Scomparim Port*

## TABARANA

TABARANA CHORA.

CHUÁ CHUÁ.

TABARANA TRISTE.

CHUÊ CHUÊ.

TABARANA É UM PEIXINHO QUE PERDEU O SEU LAR.

SEU LUGAR DE MORAR É NO RIO CAPIVARI.

TABARANA SE PERDEU NO LIXO QUE PODE SER SEU.

QUER SALVAR TABARANA, É SÓ O LIXO SEPARAR.

TODOS NÓS DEVEMOS DE NOSSAS ÁGUAS CUIDAR.

E ASSIM VOU TERMINANDO CHAMANDO TODOS A AJUDAR.

TABARANA SALVOU SEU LAR. EBA!

TABARANA FICOU FELIZ.Ê!





# Lourival de Barros Santos

Lourival de Barros Santos



Natural de Recife-PE. Reside em Louveira desde 1987. Trabalha na Biblioteca Pública Municipal Monteiro Lobato - Louveira. Participou com seus poemas de várias Coletâneas da ALLA.

Cadeira nº 31. Patrono Rubem Alves.

"Só veem as belezas do mundo,  
aqueles que têm a beleza dentro de si!"

Rubem Alves

## Suntuosa

Pertences ao panteão

Nós, apenas simplórios súditos, imploramos

És impetuosa, língua afiada, por vezes, deselegante

Não sei se beijo ou mordo, corro ou fico,  
um turbilhão de sensações freneticamente nos atropela  
transpassam adagas de farpas de teu sorriso  
o leme ressurge na nau desgovernada do meu coração  
espremido por conflitos

Tua boca suntuosa,  
teu olhar verde oliva  
aura dilacerante,  
envolta em luz furtiva  
perto de ti quero ficar,  
custará caro, eu bem sei  
alma entrando em combustão.

## *Restos de memórias*

Restos de memórias, pedaços de angústias,  
reminiscências espalhadas pelo chão  
O chuveiro reverbera na incontinência da minha saudade  
Travo um diálogo com meus fantasmas, eles rastejam,  
Assombrando rancores perniciosos, murmurando frases inacabadas,  
O dito pelo não dito soa como uma canção triste  
Agarro-me as velhas questões, remoendo pedaços de feridas,  
Volto a questionar a minha integridade,  
Pego-me duvidando de meus bons modos  
Sou quem penso? Ou aceito as minhas impermanências?



# **Romanticamente**

Poesia

Romanticamente

Mendigo os braços teus

Fabrico incertezas augustas

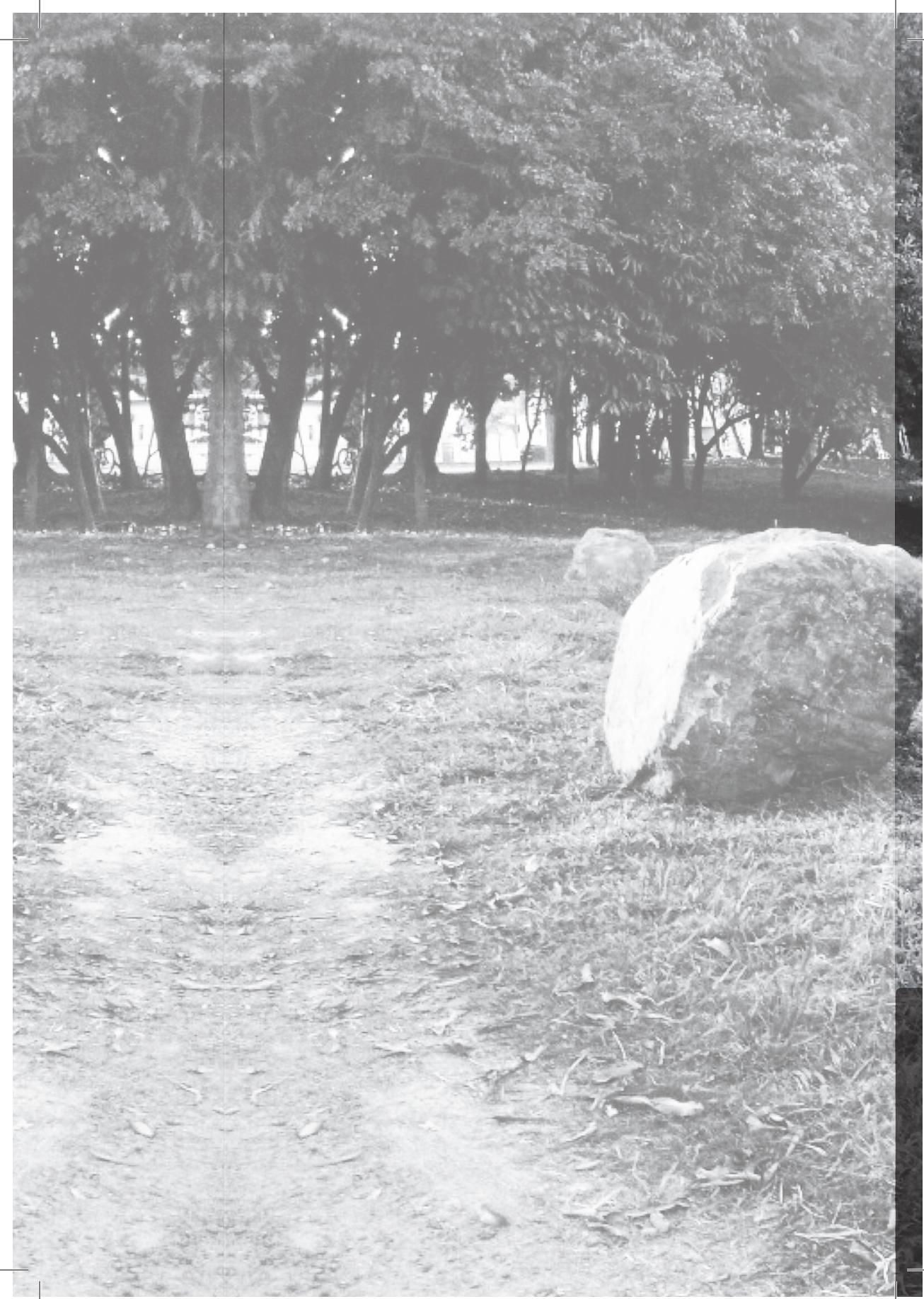
Rompo-me em teus galanteios

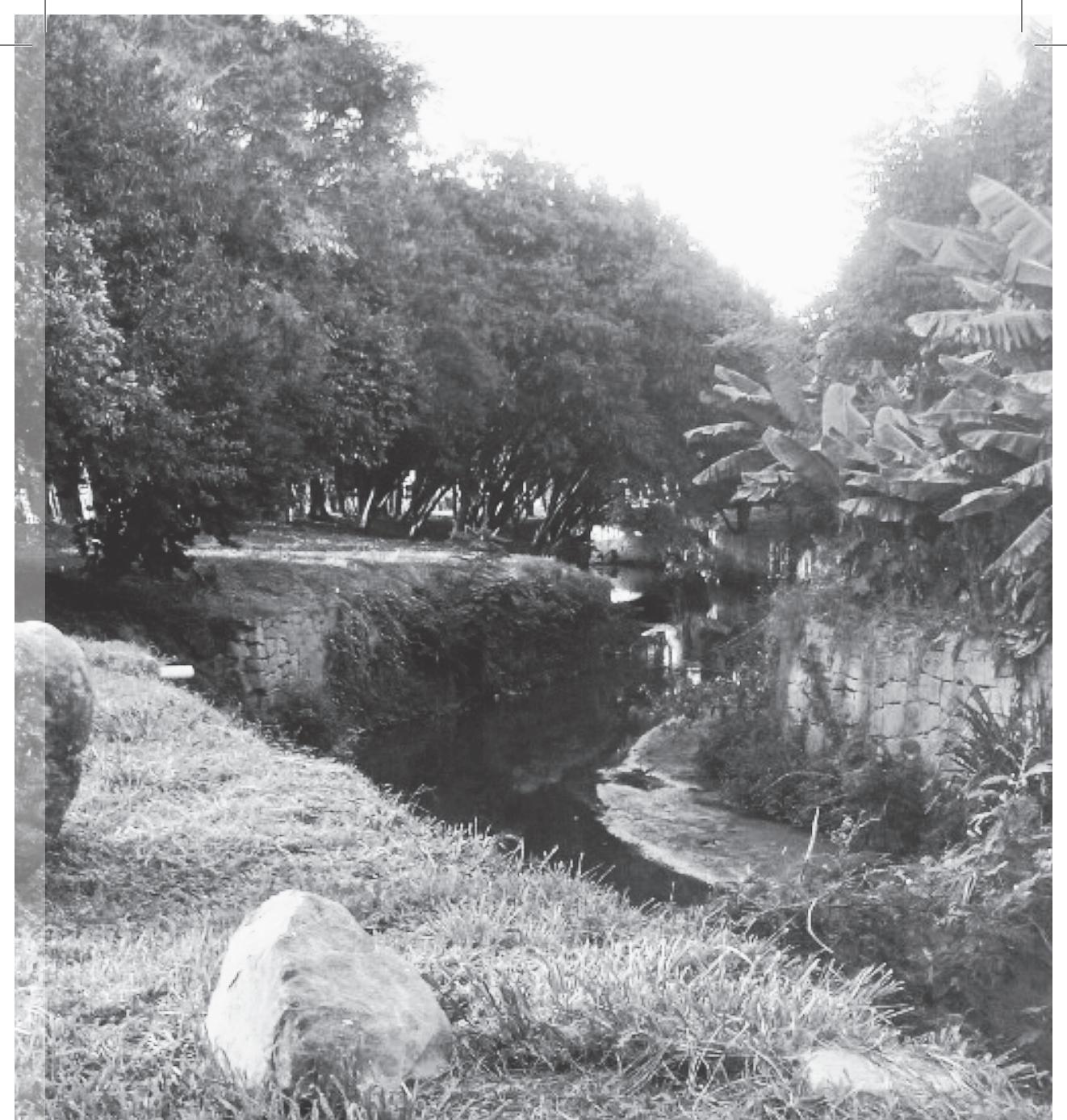
Rasgo-me por teus sorrisos

Rastejo por um tempo ao teu lado

Imploro por um naco de teu cheiro

Constantemente me perco nas tuas delicadezas





**Marlei  
Camanhes de Oliveira**

Marlei Camanhes de Oliveira



Natural da capital de São Paulo. Reside em Louveira desde 2006. Iniciou suas aulas de pintura em tela e desenho em 1973. Cursou a Escola Panamericana de Artes. Ministrou aula de desenho e pintura. Tem obras premiadas em exposições de artes plásticas.

Cadeira nº 06. Patronesse Hilda Hilst.

“Olha-me de novo. Porque esta noite  
olhei-me a mim, como se tu olhaste”.

Hilda Hilst



Marlei Camanhes de Oliveira

126

VIII Coletânea – ALLA





**Neusa Rossi Cevalhos**

*Neusa Rossi Cevalhos*



Natural de Jundiaí/SP, mudou para Louveira/SP com 23 anos. Aprendeu a arte de fazer crochê observando sua mãe desde muito menina. Atualmente, atua como professora de Artesanato, tendo trabalhado por 18 anos na Prefeitura Municipal de Louveira/SP.

**Cadeira nº 12. Patrono Guimarães Rosa.**

“Caminhe sempre confiante e fortaleça essa esperança dentro do seu coração. A sua fé é o seu escudo contra os obstáculos impossíveis. A fé derruba qualquer barreira!”

Guimarães Rosa







**Odete Moscospki**

*Odete Moscospki*



Natural de Goiatuba – GO. É artesã de bonecos de pano, bordados, patchwork e biscuit. Reside em Louveira desde 1976.

**Cadeira nº 05. Patrono Aleijadinho.**

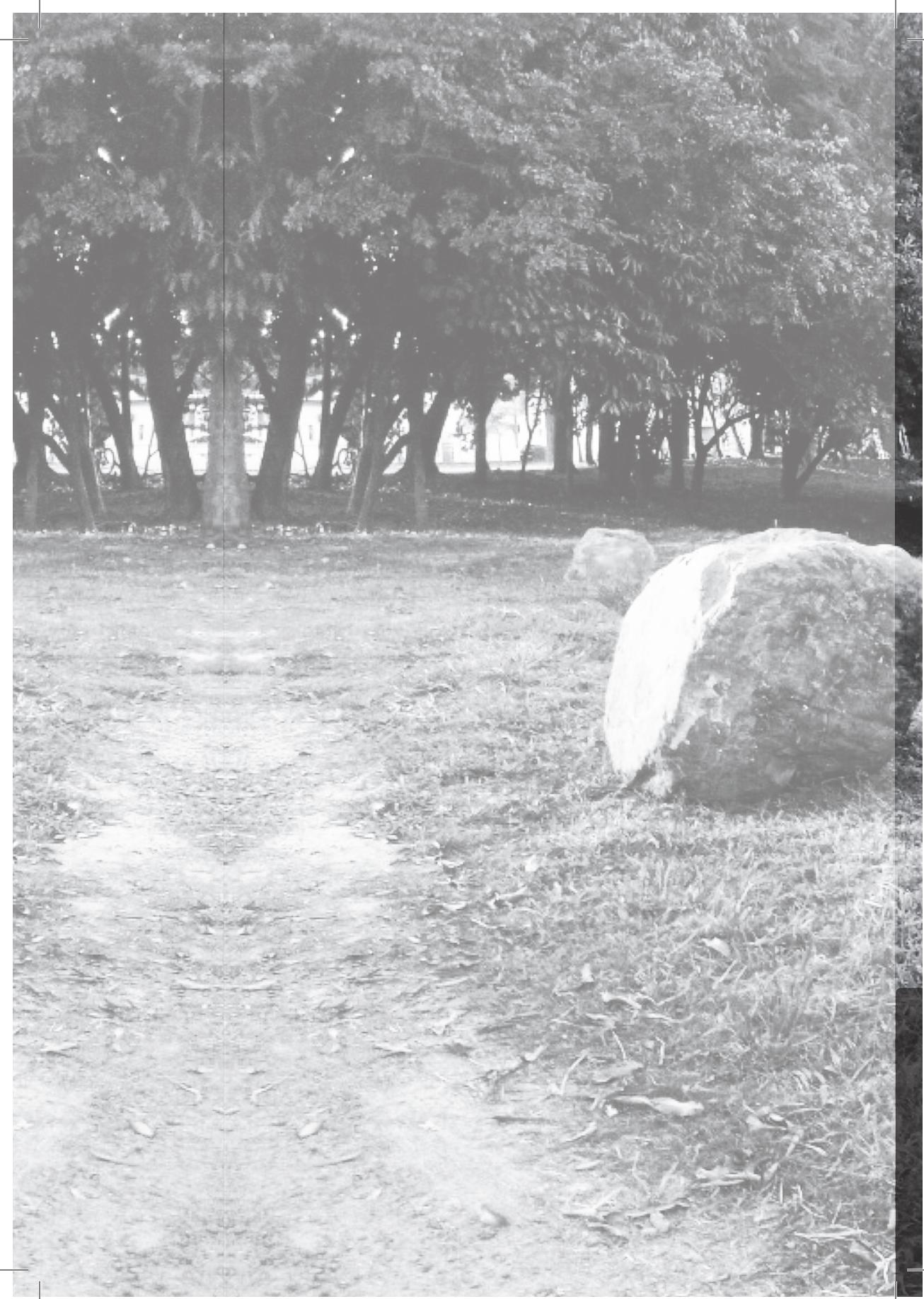
Antonio Francisco Lisboa (1730-1814), conhecido como Aleijadinho, foi um escultor, entalhador, carpinteiro e arquiteto do Brasil colonial.

VIII Coletânea – ALLA

133

Odete Moscospki







**Samuel Moscoso**

Samuel Moscoso Spki



Natural de Jundiaí-SP. Reside em Louveira desde criança. Ex-Presidente da Academia Louveirense de Letras e Artes – ALLA. Escritor e poeta, participou de várias Antologias. Teve obras premiadas e publicadas em diversos jornais. Foi um dos idealizadores e fundadores da antiga Associação de Escritores de Louveira. É autor da letra do Hino da ALLA. Recebeu moções de congratulações da Câmara Municipal de Louveira.

Cadeira nº 01. Patrono José Ademir Tasso.

“E só um cisne, morre na solidão das horas”.

José Ademir Tasso

# *Sabiá do peito vermelho*

Na beira daquele caminho  
Ainda existe o velho pé de coqueiro,  
Onde, com seu canto magnífico,  
um sabiá cantava o dia inteiro.

Por ter nascido belo e saber cantar,  
Uma arapuca o fez prisioneiro.  
Foi morar numa gaiola enfeitada,  
Onde iria ser trocado por muito dinheiro.

Tinha pressa aquele rude homem  
Em amansar seu ilustre seresteiro  
Contava papo em todas as praças,  
Por ter pego o Sabiá de peito vermelho.

Mas, com saudades do seu ninho,  
ele só pensava em escapar,  
debatia-se, escalavrando todo o seu bico,  
mirrado e triste nunca mais quis cantar.

Hoje quem passa por aquele caminho  
Ainda verá o pé de coqueiro, o ninho abandonado  
e uma sabiá-fêmea triste e encorujada  
esperando com saudades pelo seu amado.

## No silêncio da noite

Samuel Moscoso pki

A noite desce com o seu  
manto de estrelas na escuridão  
Mais parece um gado Nelore  
nos verdes campos do meu sertão.

E a Lua fica espiando  
esta minha tristeza sem fim  
e eu, no silêncio dos sentidos  
sofrendo por te amar tanto assim.

Os sonhos, os abraços e os beijos  
já perdidos sem esperança de voltar  
São noites de ansiedade e desejos  
dentro do silêncio de te amar.



# *Meu Rio Capivari*

Meu querido Rio Capivari.  
Quantas saudades tenho de ti.  
Que na minha infância junto cresci.  
Nadando e pescando.  
E muito de sua água bebi.

Na nossa humilde casinha.  
Toda a sua água era usada.  
Para fazer comida, lavar roupas  
E dar banho na criançada.  
E no regador as plantações,  
Toda a horta era olhada,  
Todos bebiam a sua água  
E ninguém doente ficava.

Quando era mês de janeiro,  
Tempo de chuvarada  
Toda sua faixada era alagada,  
Armavam-se os covos de bambu  
E muitos peixes pegava,  
Era tanto peso que  
Uma só pessoa da sua água não tirava.

Lembro das tardes de calor  
Que uma poça tinha que ser limpada,  
Para a noite não enroscar o anzol  
E não perder a linhada.  
Trazia para casa uma fileirada de bagre  
E para espantar os pernilongos  
Fumaça de cigarro de palha, meu velho pai usava.

Muitos anos se passaram e, vindo hoje te visitar  
suas águas cristalinas num caldo preto ficaram,  
me cortou o coração de ver como você está.  
Já não tem mais seus peixes e de suas águas

ninguém mais tomou.  
Sentei à sua margem  
e chorei com muita dor no coração,  
de ver meu querido Rio Capivari  
morrendo pela poluição.

E hoje só me resta pedir a Deus,  
Para dar um pouco de amor nos corações dos homens  
Para que amanhã nossos filhos e netos  
Não conheçam nosso Rio Capivari só de nome.



**Sandra Regina Rossi**



Advogada, casada, paulistana de nascimento, Louveirense de coração. Escrever sempre lhe fascinou e a inspiração faz parte de sua vida desde muito jovem. Sua adolescência foi marcada pela companhia de lápis e papel e onde houvesse natureza e amor o ímpeto de escrever aflorava... eis a inspiração. Hoje faz do lápis e do papel cúmplices dos seus sentimentos e cotidiano. Adora ler, ama a escrita e escrever lhe fascina. Ex-presidente da ALLA (2019/2021). Participou e participa de vários concursos. Foi premiada em 3º Lugar com a Crônica *Na varanda da casa de São Simão*, no Concurso promovido pela Academia Internacional de Artes e Letras Sul-Lourençiana — AIL em fevereiro de 2021; pela Literário Nacional com Luzeiros da Lagoa. Participa do *Livro 1001 Poetas*, promovido pela Casa Brasileira do Livro além de outros livros que está participando e que estão para serem lançados.

Cadeira nº 10. Patronesse Cora Coralina.

"Se a gente cresce com os golpes duros da vida, também podemos crescer com os toques suaves na alma."

Cora Coralina

# O Rio Capivari e o Peixe Tabarana

**O**acróstico de hoje é sobre o Rio Capivari e o peixe Tabarana:

**R**elembando um pouco da sua história,

**I**ndigitado rio é afluente do rio Tietê,

**O**nde tem sua nascente na cidade de Jundiaí.

**C**orriam suas águas claras pela nossa querida Louveira,

**A**guando outras cidades vizinhas como Vinhedo, Valinhos, Campinas,

**P**assando também por Monte Mor, Elias Fausto, Capivari e Raffard.

**I**mpunha sua beleza por onde passava. Hoje, porém,

**V**emos que a sua beleza não existe mais.

**A**s suas águas sujas apenas deslizam pelo seu leito como o soluçar de uma vida que,

**R**asteja pedindo socorro e

**I**nstigando todos nós a pensar que no seu silêncio existe um grito de dor.

**E**m meio a tanta correria pergunto: Você já parou para prestar atenção no nosso rio Capivari?

**O**uviu seu lamentar? Ofereceu-se a ajudar? Lembrou o que ele foi para os seus antepassados?



**P**ois é, lembremos que nele um dia pudemos pescar e avistar,  
**E**sse peixe chamado Tabarana, que lá vivia e desapareceu.  
**I**mportante saber por que,  
**X**iiii... esse pequeno valente gosta de águas claras e límpidas para  
em sua  
**E**xtensão mergulhar.

**T**raquina ele prefere correntezas.  
**A**qui ele não vive mais, o conhecido pequeno dourado branco.  
**B**ons tempos se foram e o nosso Tabarana acabou.  
**A**gora só nos resta lembrar dos  
**R**aros momentos em que nadava no rio Capivari.  
**A**inda encontramos esse peixinho, longe daqui, na bacia do  
“Velho Chico”  
**N**utrindo nossa esperança de um dia habitar de novo  
**A**qui em Louveira no nosso Rio Capivari.

## *Som da Vida*

Você sabe qual é o som da vida?

Não?! Nunca ouviu?!

Então feche os olhos...

Concentre-se...

Vamos juntos ter essa experiência.

Pense num dia de outono muito claro.

Aquele dia em que o sol faz questão de brilhar tanto,

Que em contraste com o céu azul, limpinho sem nenhuma nuvem,

Tanta luz... até dói os olhos.

Tente ouvir o silêncio....

Ouvir o silêncio?

Isso mesmo, ouvir o silêncio do seu corpo pulsando.

Tente auscultar os seus mais profundos sentimentos.

Construa dentro da sua mente a beleza da natureza,

O belo cantar dos pássaros por entre árvores de folhas verdes.

O inebriante caminhar do rio em seu leito, correndo por entre as pedras.

Sentir o ar puro entrar em seu pulmão e a brisa suave envolver o seu rosto.

Olhe para cima, abra os braços num gesto, como se fosse abraçar todo o universo.

Ouviu?!?

Então, o som da vida está aí dentro de você...

Pulsando como o vento a jogar suavemente as árvores de um lado para o outro,

Movimentando delicadamente as folhas.

Porque somos um relicário divino nessa imensidão do mundo,

Onde fazemos parte dessa engrenagem fantástica que é a vida.





**Sonia Baldo**

*Sonia Baldo*



Funcionária publica há 28 anos. Escreve, desde criança, versos crônicas e poesias, que ficaram guardadas em gavetas até que um dia foi convidada pelo escritor Ademir Tasso (*in memorian*) por intermédio do também escritor e poeta Samuel Moscoski pelo conhecimento de que eu escrevia. Assim participou da associação de escritores de Louveira. Depois ingressou junto a eles na Academia de Letras de Louveira fundada em 26 de abril de 2015. Participou do livro *Eu Amo Vinhedo* promovido pela Secretaria de Cultura da Prefeitura de Vinhedo. Hoje com orgulho faz parte da ALLA, ao lado de grandes escritores. Tem como lema: "Plantando doces palavras e colhendo glórias da poesia!"

Cadeira nº 25. Patronesse Cecília Meireles.

"Tu tens um medo de Acabar. Não vês que acabas  
todo o dia. Que morres no amor. Na tristeza.  
Na dúvida. No desejo. Que te renovas todo dia".

Cecília Meireles

# *Guardi-me numa poesia*

Juntando palavras contra o vento  
Soprando minha inspiração  
Assim perdida em pensamento  
Seguindo minha imaginação.

Revelando meu segredo  
Preencho meu vazio  
Caminho sem ter medo  
Enfrentando desafio.

Vou roubando fantasias  
Dessa doce ilusão  
transformando sonho em poesias  
Sentimentos do coração.

A poesia tem a alma  
Tem lágrimas, tem amor  
Tem ternuras que acalma  
Tem magia e esplendor!

## Encantos do Passado

Sonia Baldo



VIII Coletânea – ALLA

O tempo passa tão veloz!

Vem lembranças, saudades, anseios e, ponho-me a rever a Colônia.

Seguindo a trilha, encontrei paredes diluídas.

Pois da Colônia nada sobrou do existir!

Atrás da Colônia passava um grande rio, mas do que era um rio, apenas avistei um pequeno riacho, as margens mais estreitas com águas lentas que silenciosamente vão criando atalhos entre as pedras em busca da liberdade de seguir em frente, sem saber onde e quando vai chegar!

Ao pé do morro havia uma escolinha, porém me deparei com ela destelhada em ruínas.

No fundo da escolinha um pedaço do que foi um poço, servindo de vaso para uma árvore.

Enfim, encontrei a velha figueira! Que mesmo solitária ficou de pé resistindo ao tempo para a história ali vivida poder testemunhar.

Era uma bela Colônia onde morou os avós com a benção da simplicidade, e o esplendor da sabedoria.

Era um rio bravo, impetuoso, onde as crianças sem medo iam nadar.

Era uma escolinha onde os matriculados construíram sonhos e se transformaram em cidadãos descentes e o mestre hoje é o tempo.

A figueira formosa se move, soltando palavras para um poema e alcançando o céu para levar os pedidos feitos embaixo a sua sombra.

E eu sou uma das crianças daquele tempo, que continua a sonhar!

## *Tarde de Outono*

O vento sopra as folhas ao chão.  
Que flutuam e vagueiam pelo ar.  
O vento e as folhas dão-se as mãos e se ponham a bailar.  
A tarde de outono aos poucos se vai e a sombra da noite vem se  
achegar.  
A noite traz consigo o brilho das estrelas.  
Que vem aplaudir o vento e as folhas que continuam a bailar!

Sonia Baldo

152

VIII Coletânea – ALLA



# Ubirajara de Souza Tavares



Ubirajara de Souza Tavares

Natural de Campos-RJ. Reside em Louveira desde 1960. Médico Pediatria, formado pela Faculdade Fluminense de Medicina. Especializou-se no curso de Médico do Trabalho pela Faculdade de Medicina de Jundiaí. Formou-se em Direito pela Faculdade Padre Anchieta – Jundiaí. Escritor, participou de outras coletâneas. É autor de dois livros. Vencedor do concurso de contos do Jornal de 2ª Feira-Jundiaí. É Membro da Associação de Artistas Plásticos de Jundiaí. Membro Correspondente da Academia Pedralva de Campos. Membro da Academia Jundiaiense de Letras. Recebeu o título de cidadão Jundiaiense.

Cadeira nº 18. Patrono Geraldo Barbosa Tomanik.

“O objetivo dos museus é educar o homem.  
Por isso não se entende a palavra museu  
desligada da palavra educação”.

Geraldo Barbosa Tomanik

# Rosa

Rosa que nasce em roseiral antigo,  
Onde por Deus o amor já fez morada,  
É rosa que a noite enluarada,  
Envolve-a de pureza, em seu abrigo.

O meu amor é roseiral que irrigo  
Com pranto a cada ilusão finada,  
Resiste a tudo e vejo à alvorada,  
Inda existirem rosas — e as bendigo.

Amanhece outro dia e outra rosa,  
Mais bela nasce, mais suave e pura,  
A mais viçosa e cedo hoje a colhi.

Resta somente e que feliz ventura,  
A rosa deste amor, a esplendorosa,  
Levar aos lábios e ofertar a ti!



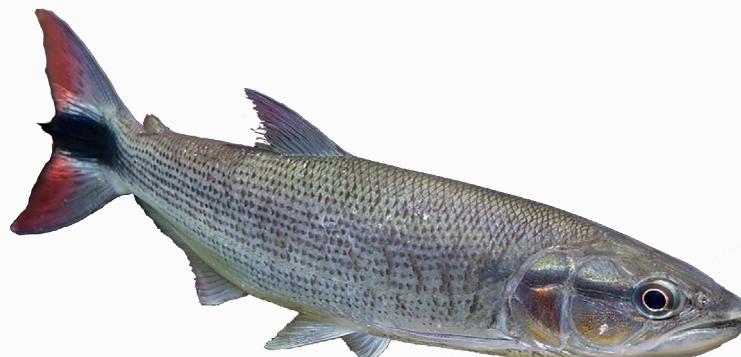
# Tema Tabarana

Escolhemos o tema Tabarana como referência para nossa VIII Coletânea e assim divulgar e conscientizar a todos sobre a necessidade do cuidado com o Rio Capivari, onde o peixe Tabarana vivia em abundância em épocas passadas.

O Projeto Tabarana lançado pela prefeitura de Louveira no dia 27 de novembro de 2021, com o objetivo de despoluir o Rio Capivari no trecho que corta nossa cidade, nos inspirou a realizar um convite para que todas as escolas do nosso município participassem do concurso literário e artístico.

Reunimos aqui todos os trabalhos recebidos das escolas e apresentados por alunos de várias faixas etárias.

Inclusive o prefeito de Louveira, Estanislau Steck, nos presenteou com uma poesia sobre o tema.



Fonte: <https://blogdopescador.com/tabarana-peixe/>



Estanislau Steck



Estanislau Steck é médico veterinário. Sua vida pública está ligada à Igreja e começou com um pedido do Padre Joaquim para realizar o sonho do pároco anterior, o Padre Maurício: acompanhar e fiscalizar o trabalho dos políticos da cidade. Iniciou então a missão de "garimpar" pessoas na Paróquia Sagrado Coração de Jesus que estivessem dispostas a fazer algo mais por Louveira. Foi assim que nasceu a Pastoral Fé e Política.

A convite do vereador Mazza, se candidatou ao cargo de conselheiro de Saúde e em 2004 foi o mais votado.

Em 2007, concorreu a vereador. Costuma dizer que seu maior exemplo foi seu pai, Angelo Steck Netto, vereador emancipador do município em 1965. Com 771 votos, foi o segundo mais votado em Louveira.

Foi eleito presidente da Câmara por unanimidade em 2010.

Em 2012 foi reeleito vereador com 918 votos pelo PSD e foi novamente a presidência da Câmara em 2013 e 2014.

Nesse período, recebeu a certificação ISO 9001 para atendimento ao cidadão. Criou a Escola do Legislativo, a Brigada de Incêndio, a CIPA, o Projeto Câmara Sustentável, o Projeto Conhecendo a Câmara e, com o vereador Reginaldo Lourençon, o projeto "Vereador Por um Dia", em parceria com o Senac.

Inaugurou ainda o Museu Virtual da Câmara, resgatando a história política e social da cidade de Louveira.

Foi eleito prefeito de Louveira em 2020, pelo PSD, com 16.988 votos (65,14% do total). Assumiu o cargo em 01 de janeiro de 2021.

# *Taba, Taba, Taba, Tabarana Sim Senhor!*

Vou contar tudo por aqui: como nadava, pulava, como vivi!

Até a década de 1970, no querido rio Capivari!

Louveira das uvas, da estrada de chão! Uma "vila" querendo virar cidade,

Com gente de fé e amor no coração!

As matas, os córregos do Santo Antônio e do Fetá, Buracão, Paiol Velho, Barreiro e Sapezal!

Onde quer que você fosse, era eu: o "Dourado branco", o maioral!



O progresso foi chegando, muita riqueza veio junto...

Porém, trouxe poluição, deixando o rio imundo e muita devastação!

Hoje descobri um amigo, que luta para que eu volte aqui

Na conversa com seus primos, soube como eu era feliz

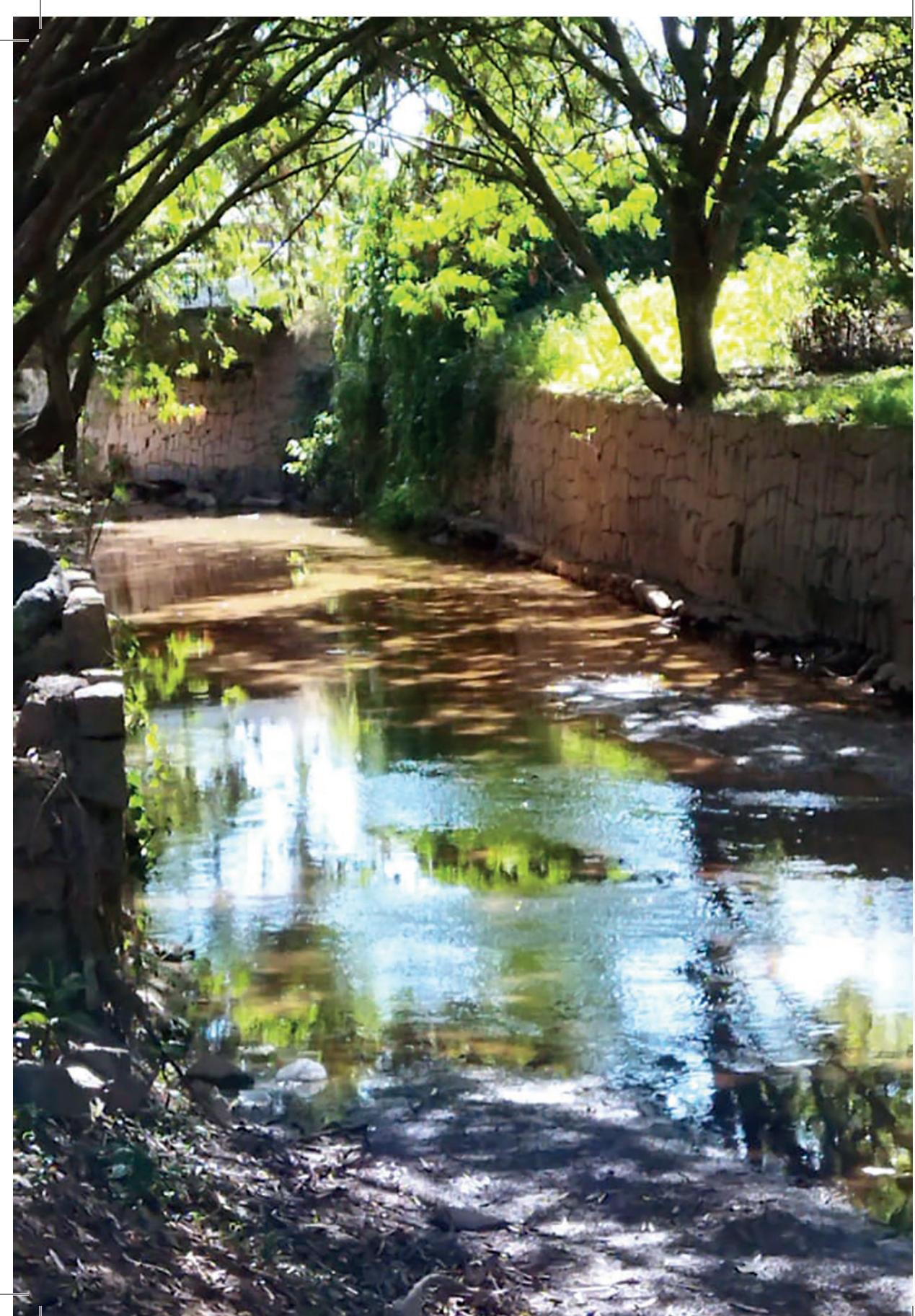
Nadando e saltitando no querido rio Capivari!

Assim surgiu o projeto, para Louveira contagiar:

Despoluir, reflorestar, educar e reciclar!

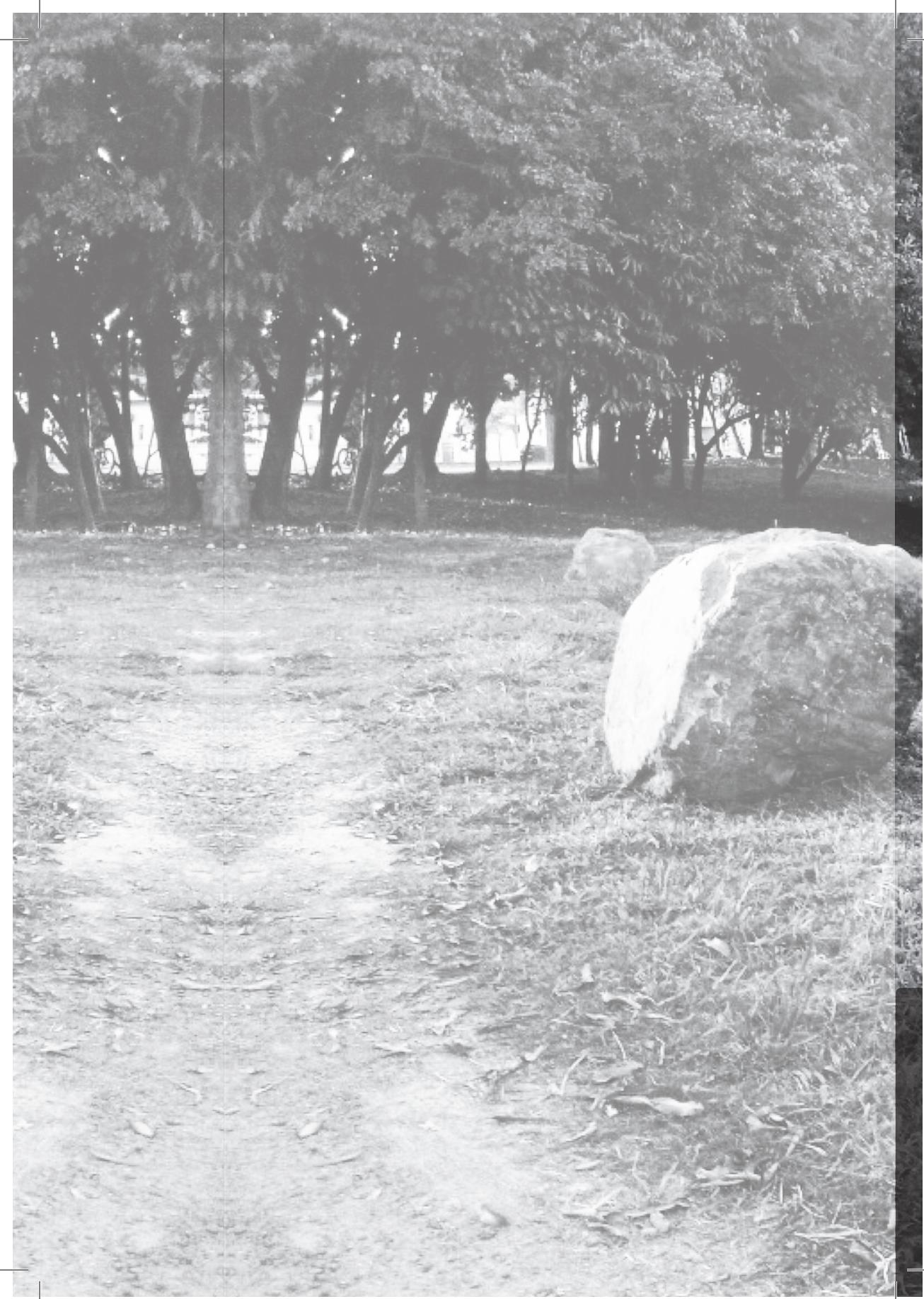
Da criança ao idoso, vamos todos com louvor:

TABA, TABA,TABA... TABARANA SIM SENHOR!





# **Apresentação do Concurso de Trabalhos Literários e Artísticos**





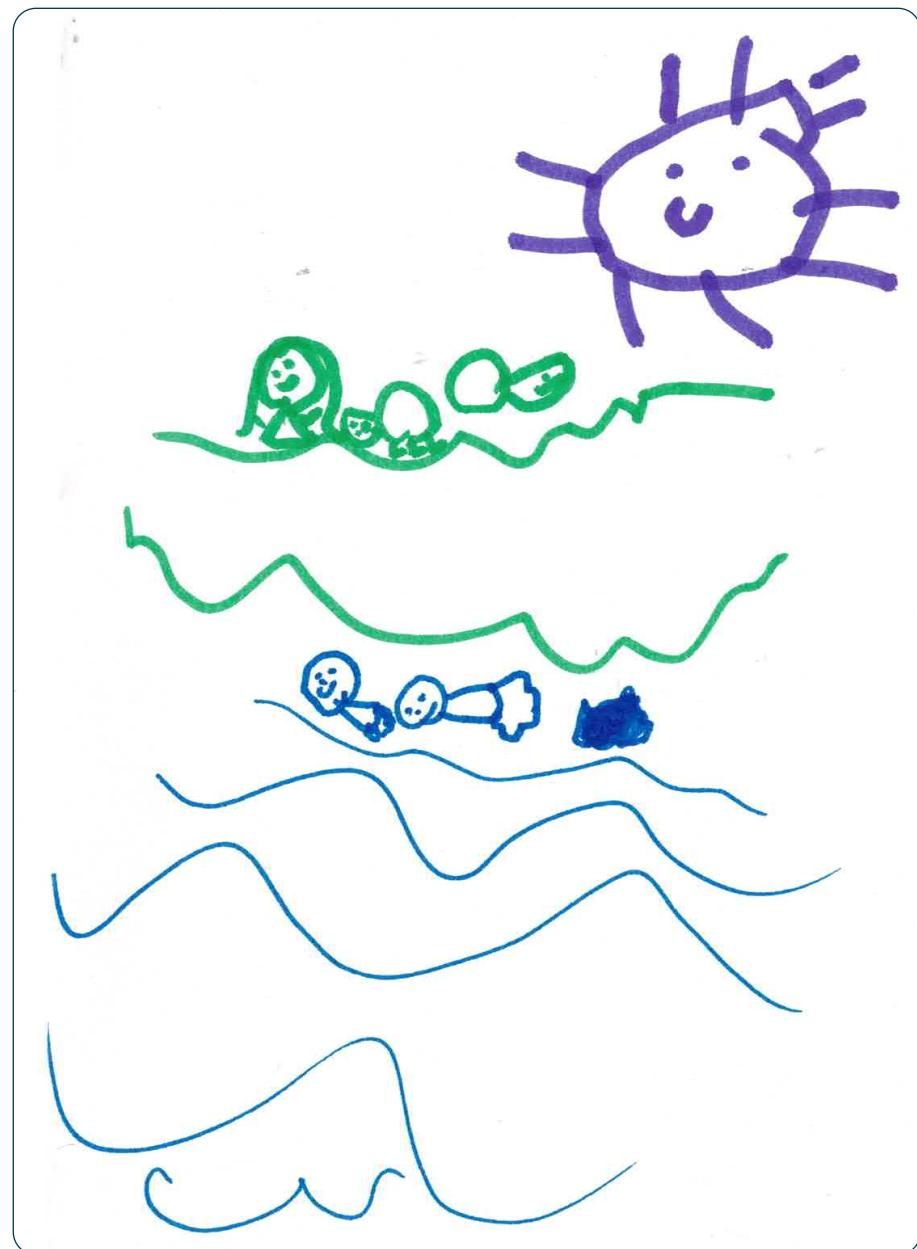
**Categoria Infantil**

# **CECI Pequenos Brilhantes**



**Alice Henrique Santos**  
**Infantil**

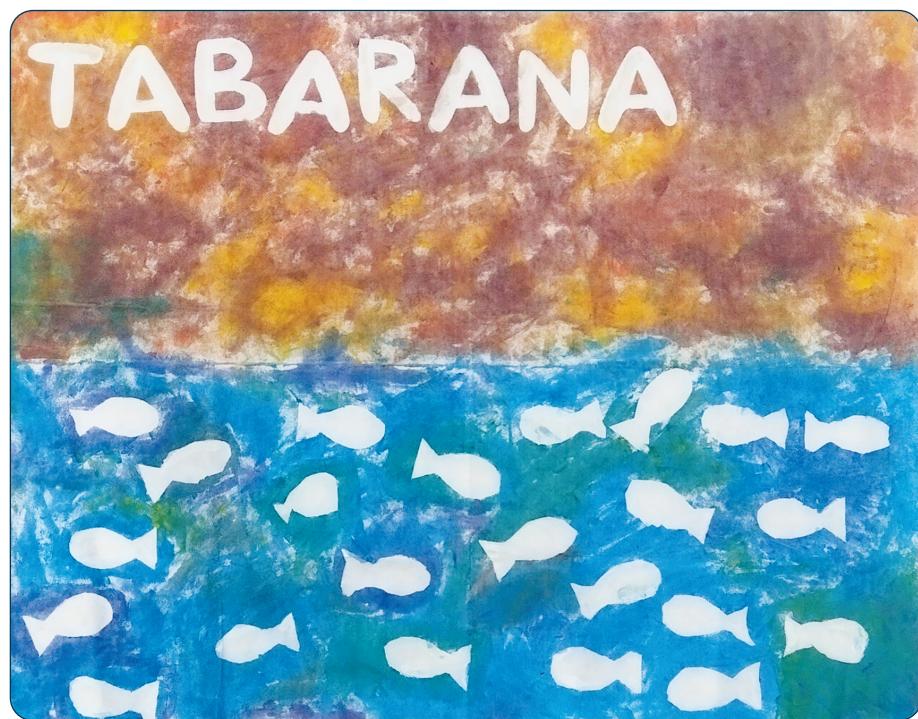
**Trabalho Selecionado**



# **CECI Pequenos Brilhantes**

**Pintura Coletiva**

**Trabalho Participante**





**CECOIN**  
**Chapeuzinho Vermelho**

**Gabriele Pereira Feitosa da Silva**  
**Infantil**

**Trabalho Selecionado**

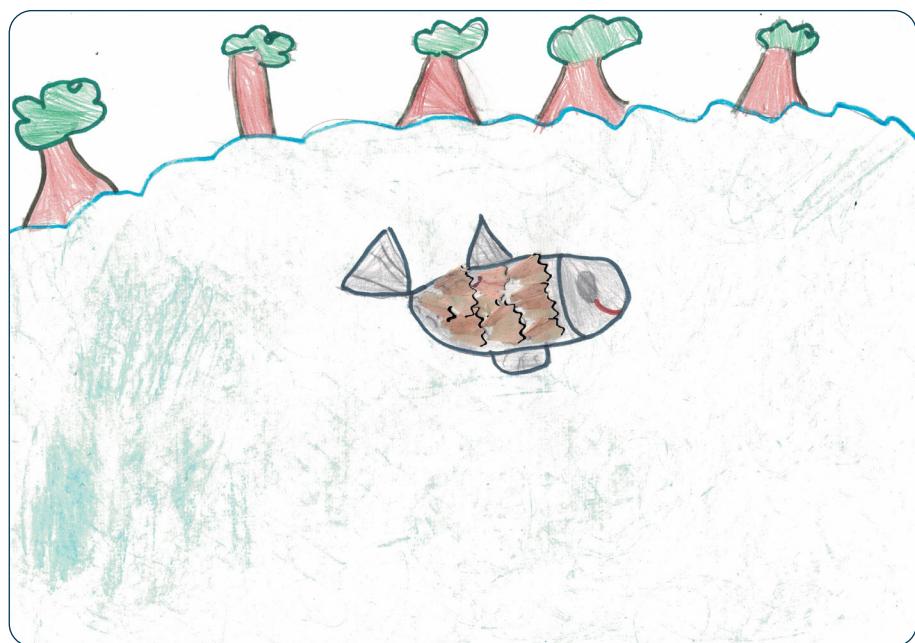


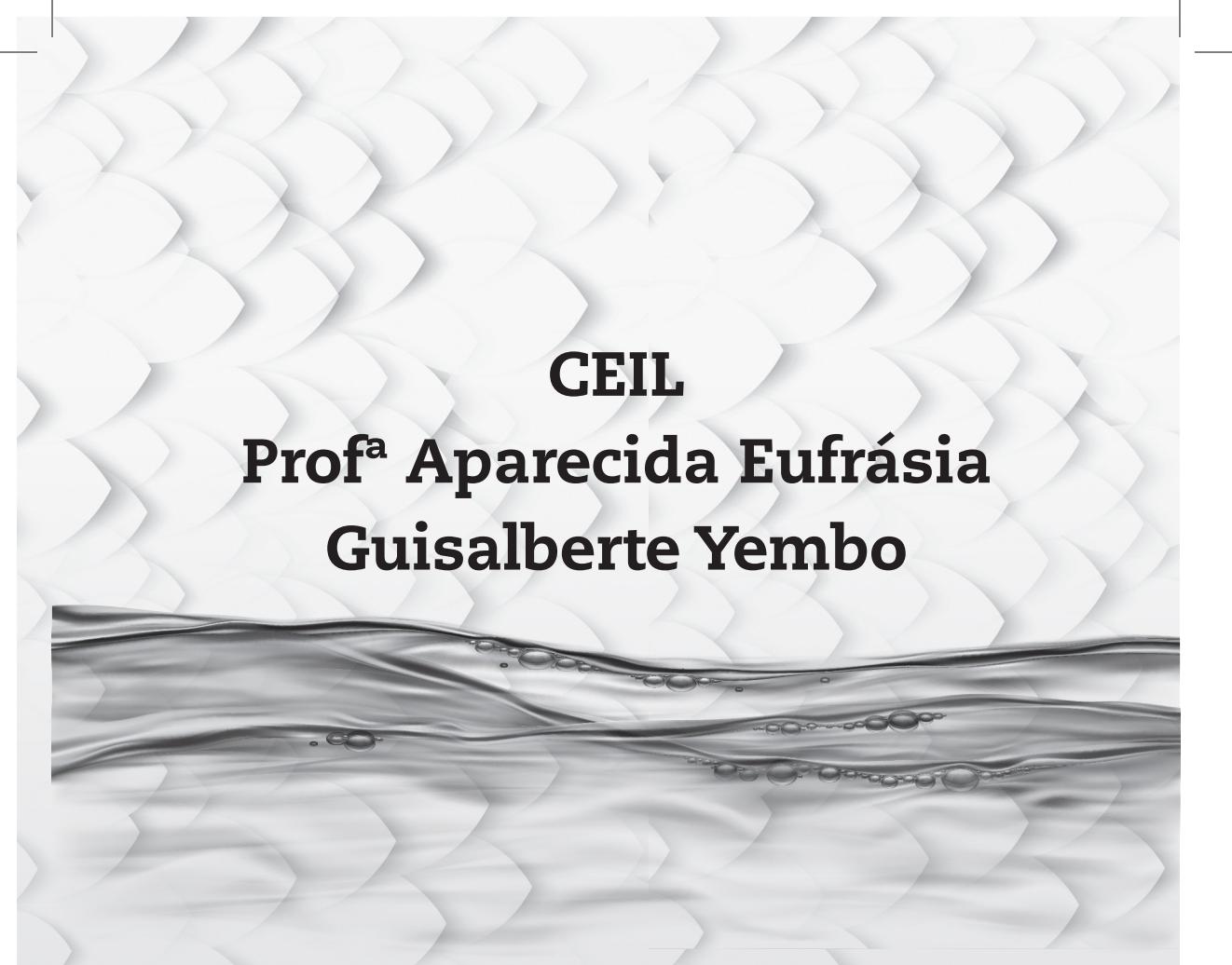


# **EMEI Vice Prefeito Pedro Miqueletto**

**Sofia Camargo de Araújo  
Infantil**

**Trabalho Selecionado**



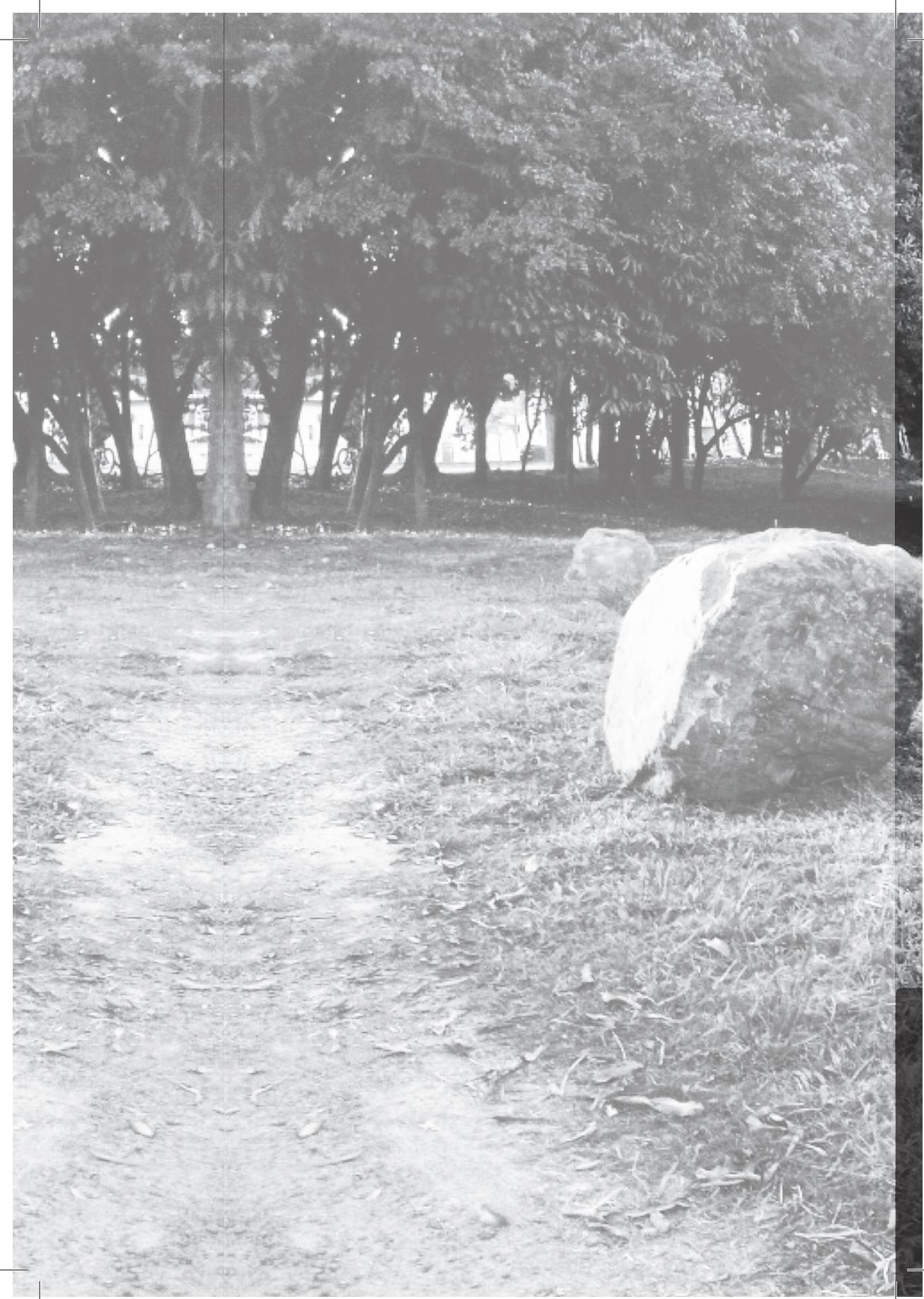


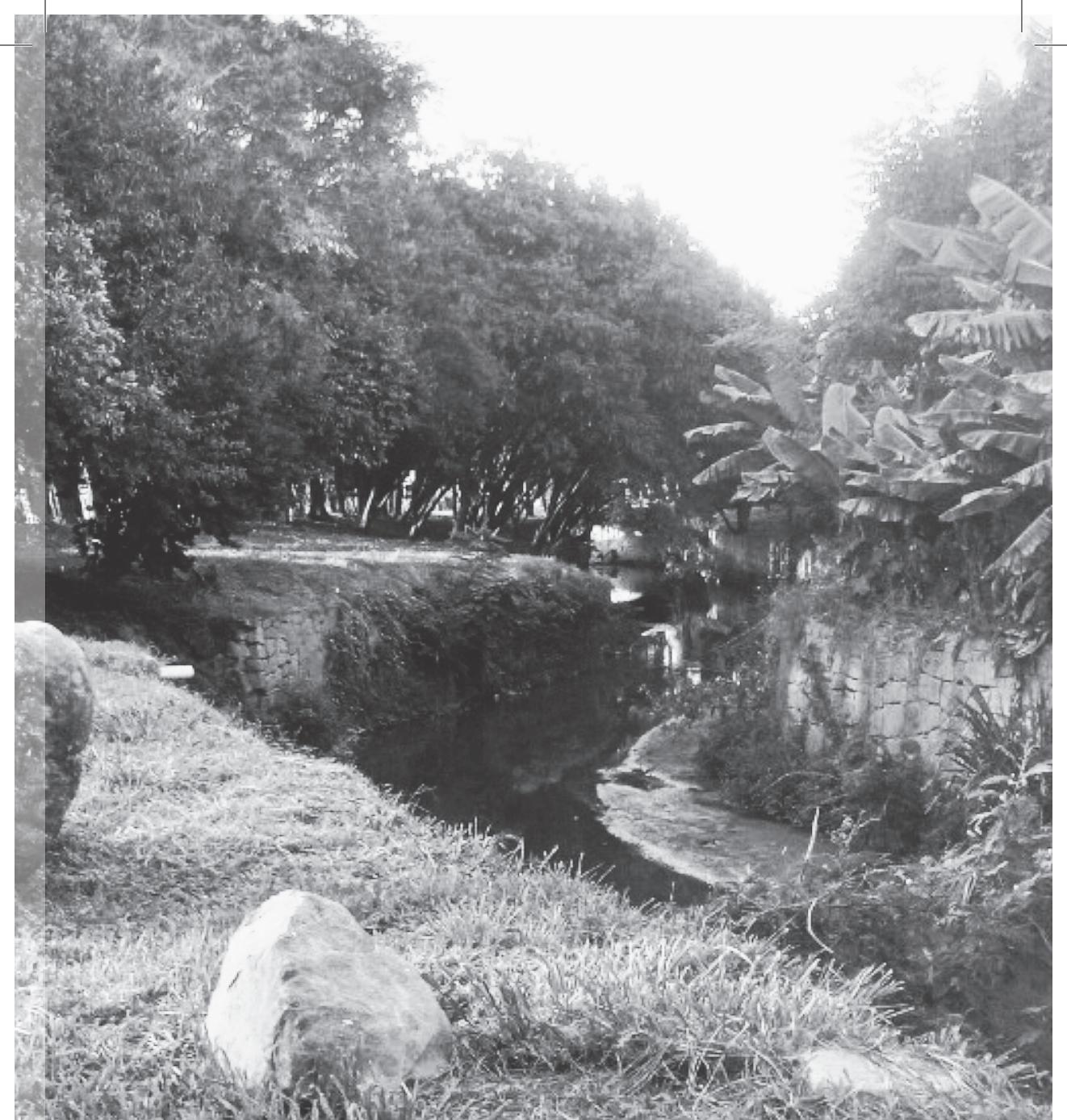
**CEIL**  
**Prof<sup>a</sup> Aparecida Eufrásia**  
**Guisalberte Yembo**

**Lívia de Lima Santos**  
**Infantil**

**Trabalho Selecionado**







# Categoría Fundamental I



# **Escola José Odair Montelatto**

**Nicolly Rocha Kielblock Santos**

**2º ano**

**Trabalho Selecionado**

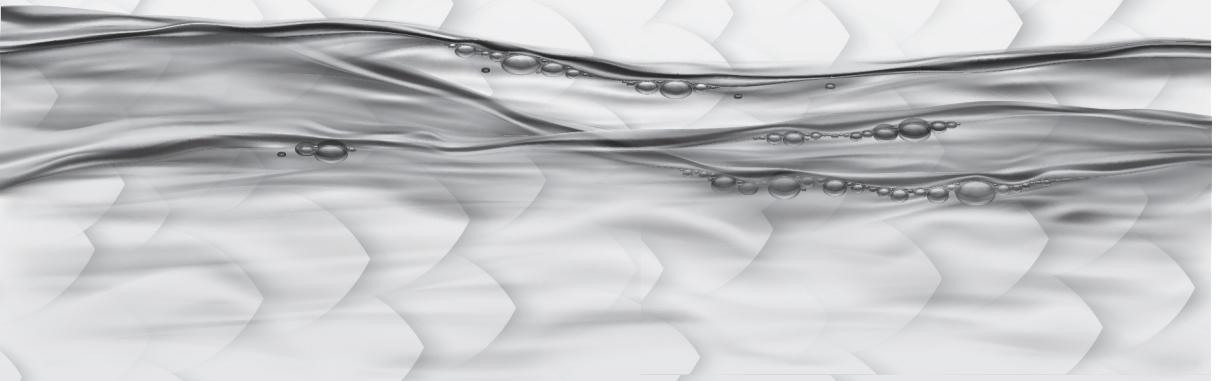
## Poema Capivari

Tem um rio que antigamente  
Era uma gota azul no mundo.  
Aqui não tinha mosqueteiro  
Com seu lema maneiro.

Esse rio fica em Louveira  
Tem um peixe  
Que o nome dele é Tabarana  
E com a poluição  
Aconteceu uma coisa  
Que não é bacana.

Eu queria que tivesse um plano  
Para o rio ficar limpo de novo.  
Volte Tabarana para a cidade  
Aí a gente vai ficar  
Com muita felicidade.

**CEIL**  
**Prof.<sup>a</sup> Aparecida Eufrásia**  
**Guisalberte Yembo**



**Ashley de Freitas Neves**  
**5º ano**

**Trabalho Selecionado**

## O peixe Dourado Mágico

Era uma vez...

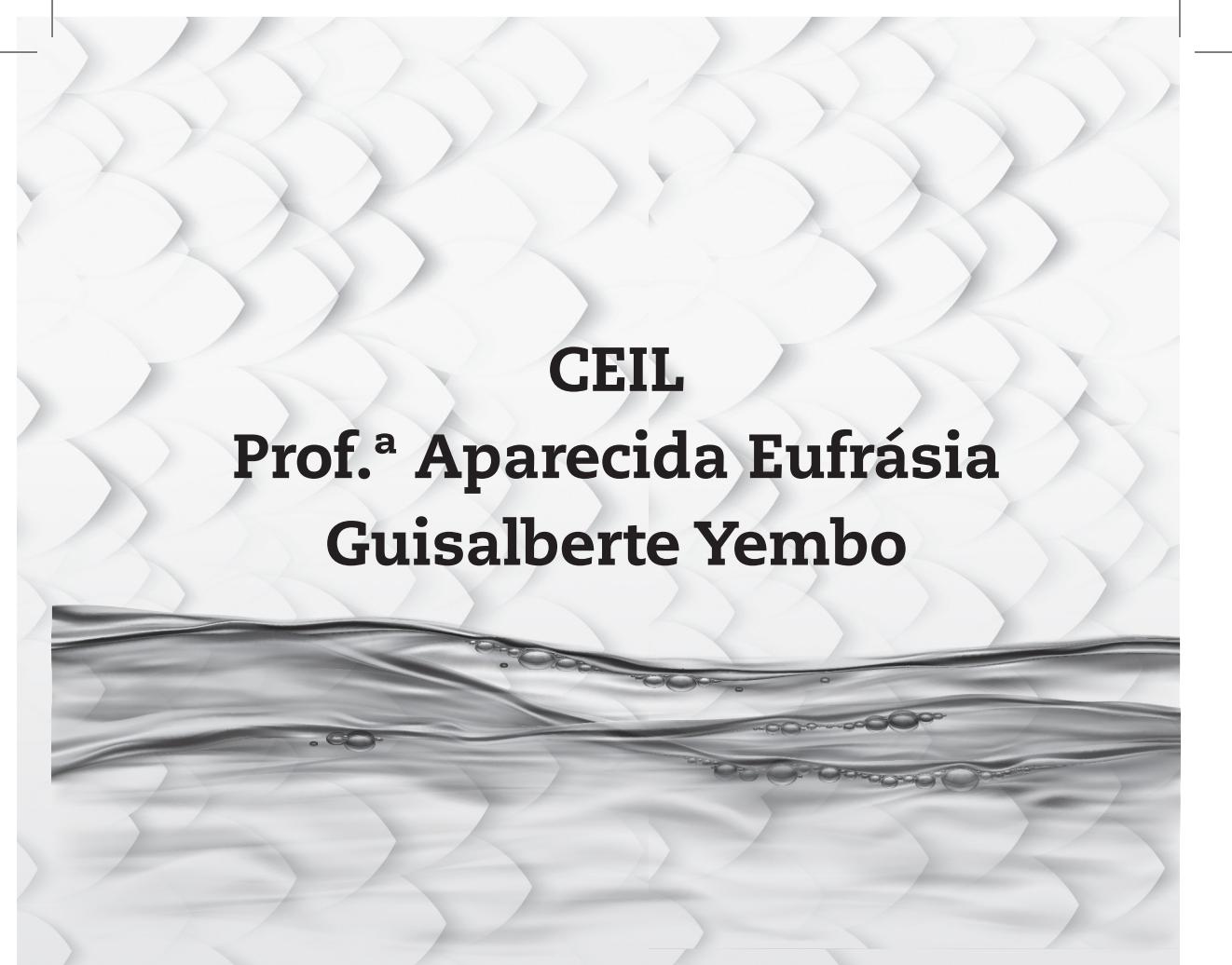
Três amigos estavam a caminho do rio Capivari para pescar, até que encontraram uma luz no meio do rio, um deles conseguiu pegar e, para surpresa de todos, descobriram que não era um peixe comum, era um peixe mágico!

O peixe fazia realizar sonhos, então os três amigos tiveram uma ideia: pediram para que o rio Capivari voltasse a ser como antigamente.

O peixe disse:

— Quando vocês crescerem vão ter o que pediram. Dizendo isso ele desapareceu. Pluft!

Quando eles cresceram, tiveram os seus desejos realizados.



**CEIL**  
**Prof.<sup>a</sup> Aparecida Eufrásia**  
**Guisalberte Yembo**

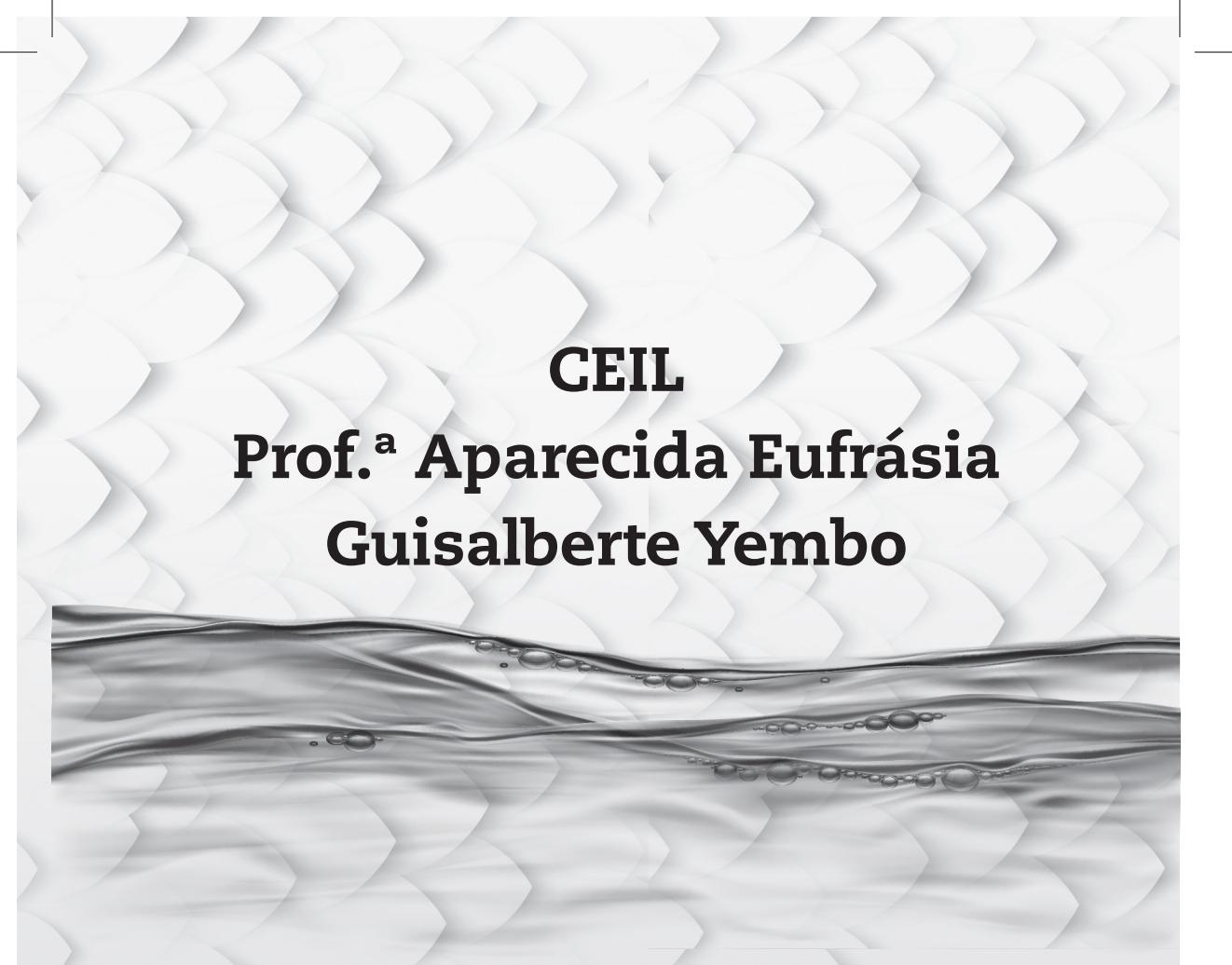
**Anthony Christopher Oliveira**  
**5º ano**

**Trabalho Participante**

## **Peixe Tabarana**

O desaparecimento do peixe Tabarana é causado pela poluição do rio Capivari, pois eles necessitam de águas cristalinas para que possam sobreviver em condições normais.

Para que volte a espécie Tabarana teria que parar de jogar lixo no rio, trazendo de volta alimentos dos peixes porque sem ter lambaris no rio os peixes não conseguem reproduzir, pois mesmo com a volta dos peixes, se o rio continuar poluído fica impossível comer a carne desses peixes por estarem contaminados, por isso precisamos urgente lutar para fazer a despoluição do rio Capivari entre sua nascente e seu final, mas para isso é necessário a conscientização de todos.



**CEIL**  
**Prof.<sup>a</sup> Aparecida Eufrásia**  
**Guisalberte Yembo**

**Murilo Zaguini Fernandes Silva**  
**5º ano**

**Trabalho Participante**

## *A pescaria do Tabarana*

Em um lindo dia de sol alguns amigos foram pescar no rio Capivari.

Foram tentar pescar o peixe Tabarana, mas vai ser difícil porque está extinto.

A pescaria começou, alguns minutos depois a vara fez um som... era uma bota!

Então, a vara fez o som de novo, agora é uma latinha... Ficaram desanimados...

Pela última vez jogaram a linha na água e logo fez o som, puxaram e não foi surpresa que pescaram uma garrafa plástica e dentro um pequeno peixe.

Assim, os amigos ficaram com a esperança que um dia o rio Capivari passasse a ser como antigamente.

E você está se perguntando o que aconteceu com o peixinho?  
Nós o soltamos.

**EMEF**  
**Angelo Argenton Filho**



**Yasmin Fermino de Souza**  
**5º ano**

**Trabalho Selecionado**

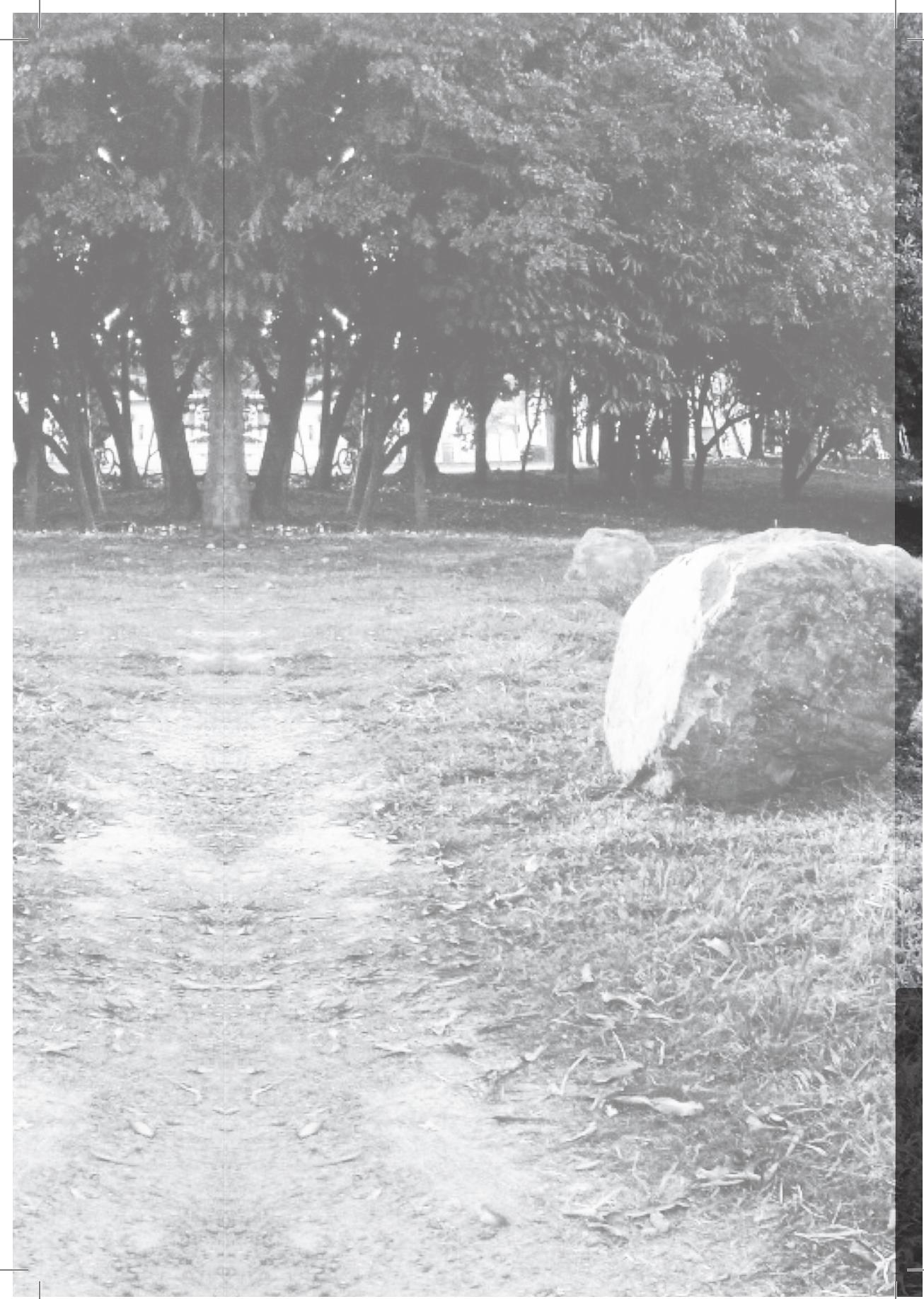
# **Tabarana e o Rio Capivari**

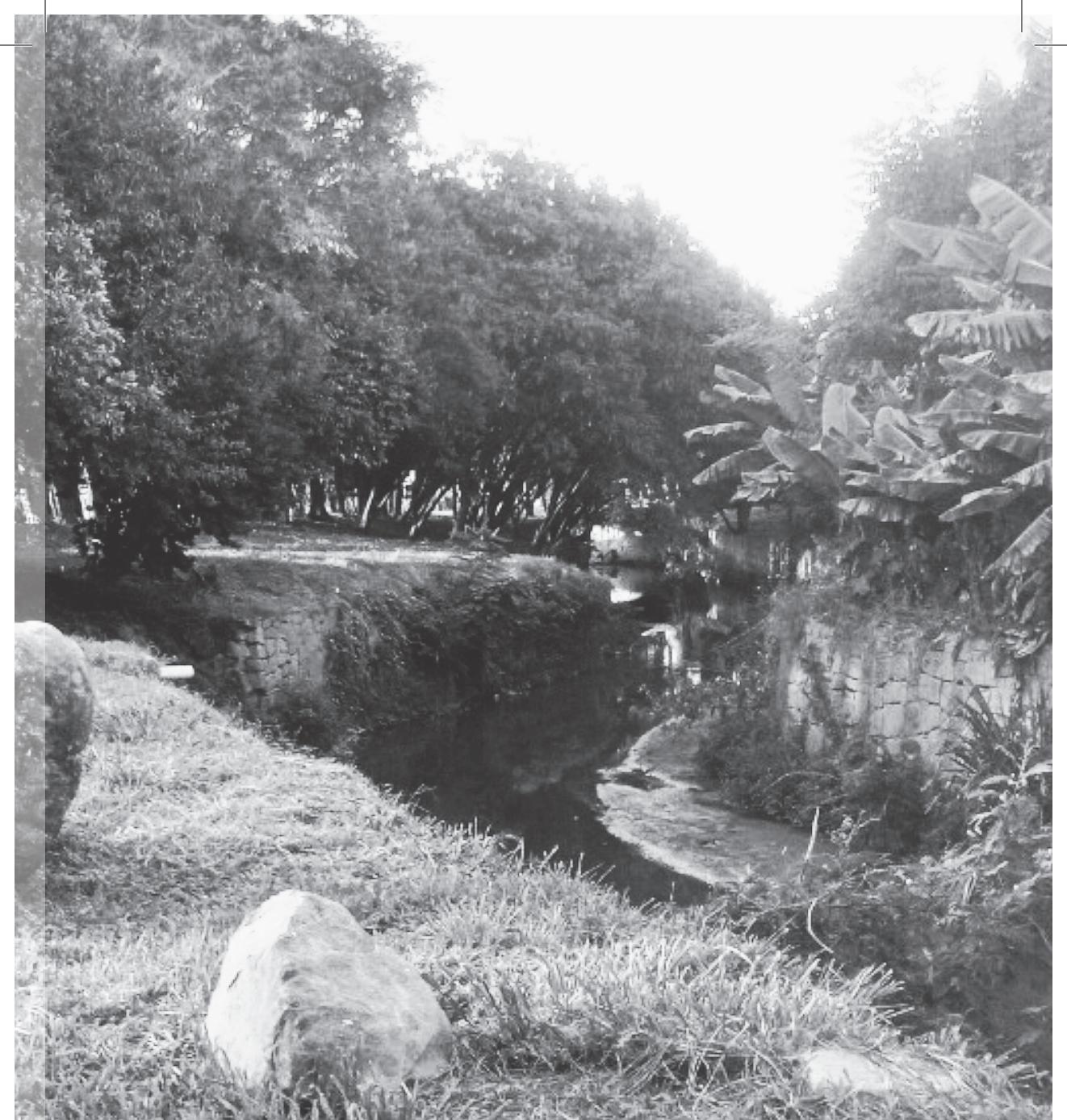
A espécie de peixe Tabarana é encontrada em rios preservados por mata ciliar intacta. Gosta de rios sem sujeiras e rios rasos, em média, com 1 metro de profundidade.

É um peixe saltador, encontrado também nas bacias amazônicas, em Tocantins, Araguaia e nas regiões Sudeste e Centro-Oeste. De cor prateada e dourada, mede em média cinquenta centímetros e pesa cerca de 1 quilo, podendo chegar a 5 quilos. Suas nadadeiras são vermelhas alaranjadas.

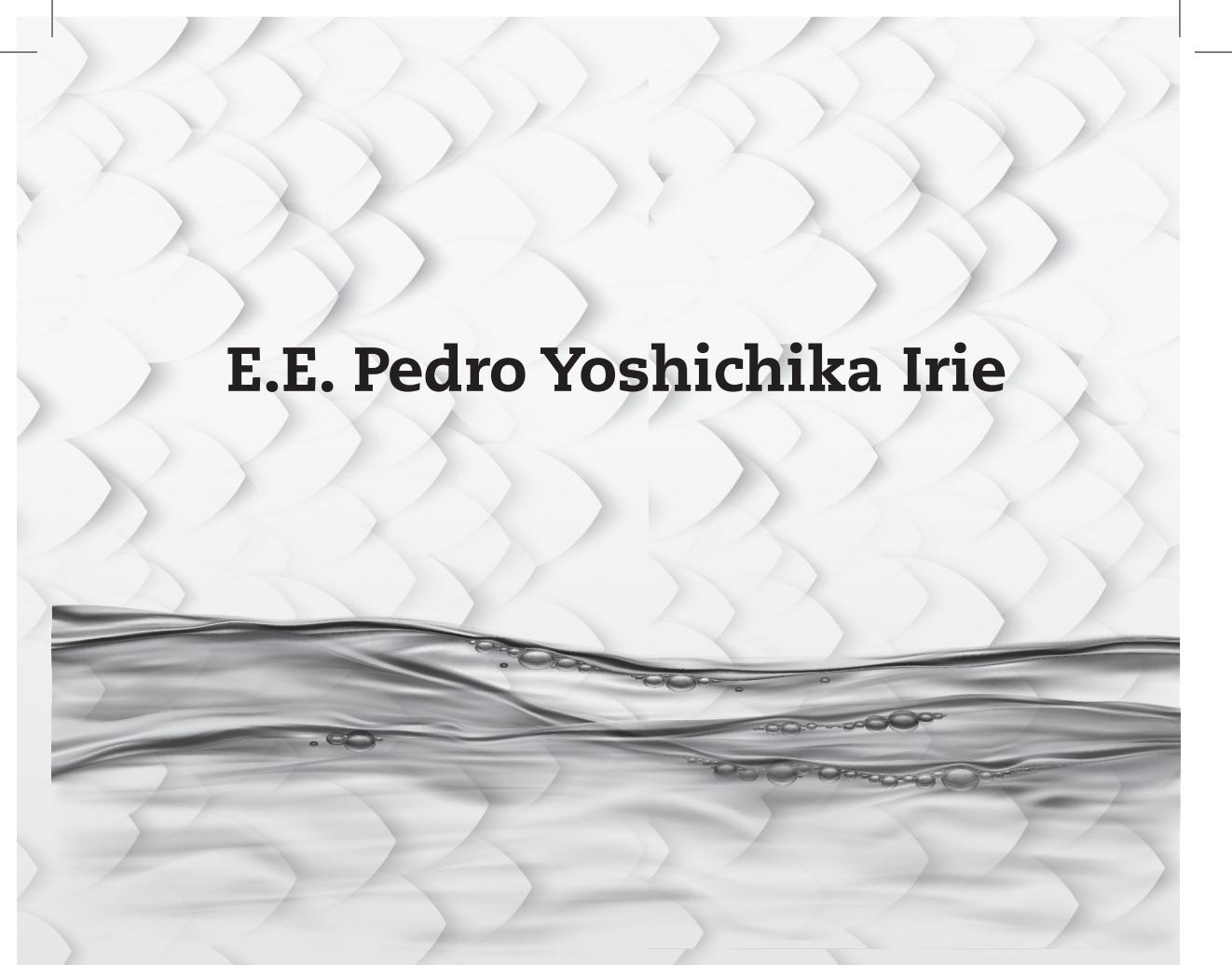
Infelizmente, a Tabarana não é mais encontrada com frequência porque não temos mais tantos rios cristalinos, uma vez que os rios estão com muita sujeira, muitas delas sendo lixo. Com isso, não devemos poluir rios, lagos e mares para não prejudicar não somente nós, seres humanos, como também os animais que vivem dentro dessas águas, e tantos outros que delas usufruem.

Sejamos conscientes ao descartar o lixo, pois para cada um, há um recipiente próprio. Vamos ajudar as Tabaranas e os outros seres vivos, assim estaremos ajudando nosso Planeta. Que tal nos colocarmos no lugar desses bichinhos indefesos, os salvando e não os levando à extinção? Se assim o fizermos, as veremos no rio Capivari novamente!





# Categoría Fundamental II



**E.E. Pedro Yoshichika Irie**

**João Scomparim Cardozo**

**6º ano**

**Trabalho Selecionado**

# **Majestoso**

**MajesToso**

**Ajude-me**

**Boiando estou...**

**Água**

**Resolver os problemas da água...**

**Ali no Rio Capivari é o meu lar...**

**Nado para sobreviver.**

**EspeciAl.**



A photograph of a riverbank scene. The foreground is covered in green grass. In the middle ground, there is a concrete wall with a wire mesh fence on top. Behind the fence, there is dense green foliage, including several large banana trees. The sky is overcast and grey.

# Rio Capivari



PERFIL  
EDITORIAL



ACADEMIA LOUVEIRENSE  
DE LETRAS E ARTES